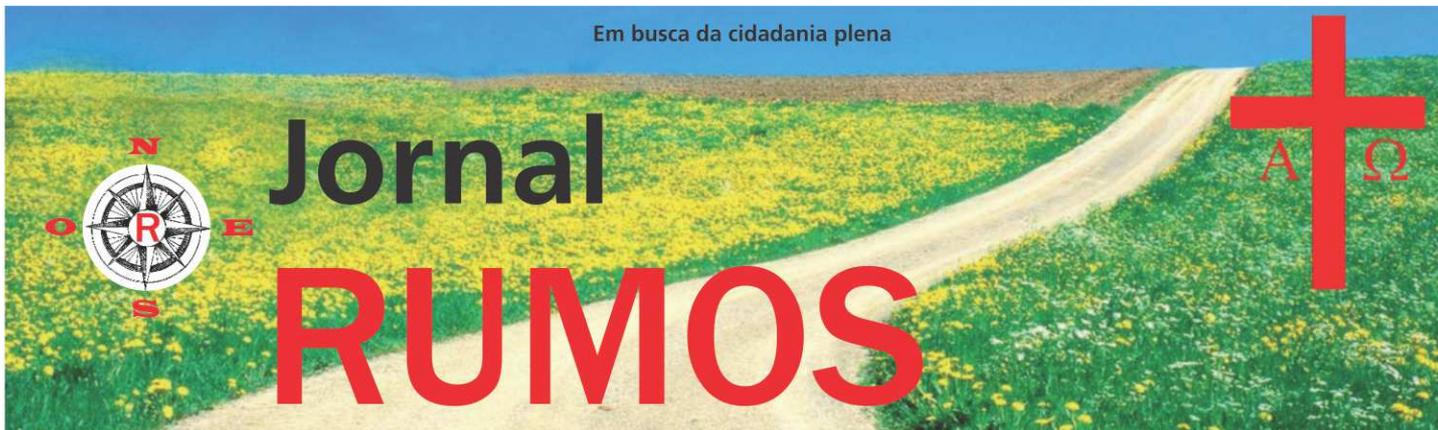


Em busca da cidadania plena



Ano 35 | nº 249 - Fevereiro / Abril 2017

XXI ENCONTRO NACIONAL DO MFPC - BRASÍLIA



Parabéns ao grupo de Brasília! Vocês souberam acolher a todos muito bem, escolheram um lugar lindo para nos hospedarmos, mantiveram um ambiente amigável e tranquilo.

E quanto à escolha do tema e sua exposição pelos nossos cultos colegas, não poderia ter sido melhor! "Renovação e Esperança" é o ideal que sempre tiveram os membros do MFPC.

E agora, com Papa Francisco que nos abre as portas da esperança para uma Renovação na Igreja, só temos de nos alegrar com a expectativa de vermos nossa Igreja poder caminhar no sentido de voltar às fontes, indo "Em busca de

Jesus de Nazaré".

Quem teve a oportunidade de ter lido o livro de Eduardo Hoornaert, nosso expositor, enriqueceu-se muito nessa expectativa e possibilidade de mudança e crescimento do povo de Deus.

Parabéns ao expositor e à equipe que o escolheu.

Muito enriquecedora também a exposição de Salatiel. Muito interessante a comparação de Brasília, terra do trabalho e da esperança e que deu certo, com a esperança que temos em relação à nossa tão querida Igreja Católica. Precisamos, sim, sair do pensamento da Idade Média e irmos para o século XXI, com toda a evolução do pensamento e da compreensão das

pessoas, para podermos compreender melhor os ensinamentos de Jesus.

Parabenizo à Equipe de Brasília que teve a coragem de assumir a direção do MFPC. São forças novas que vêm renovar nossas esperanças para o futuro do Movimento que, infelizmente, apesar dos esforços do Grupo do Ceará, andou para trás. Se assimilarmos, ainda que parcialmente, o espírito do XXI Encontro, tenho certeza de que andaremos para frente.

Foi muito feliz o esclarecimento de Eduardo sobre a necessidade de observarmos os diversos tipos de literatura da Bíblia, para que não nos equivoquemos em sua

compreensão, para que possamos nos aproximar, o mais que for possível, dos ensinamentos de Jesus.

Parabéns, ainda, a todos que participaram. Chegamos à conclusão, quase unânime de que a Igreja precisa se renovar levando em conta as novas descobertas arqueológicas, levando em conta aos novos conhecimentos literários, científicos, física quântica e outros estudos atuais.

Também foi muito boa a proposta de se fazer uma carta em apoio ao Papa Francisco, pois, como todo profeta, ele tem tido muita resistência por aqueles que se acomodaram no poder e têm medo de perder status, se a Igreja se modificar.

Sugeriu-se, também, uma

carta aos Bispos. Acho muito oportuno, porque são eles que dirigem suas Dioceses (Igrejas Locais), que, embora ligadas a Roma, devem ter vida independente e atender às necessidades locais. Indispensável, portanto, que tomem conhecimento de que o MFPC é uma força de evangelização do Povo de Deus, que não deveria ser desprezada.

Pessoalmente, gostei ainda da escolha do local do próximo encontro – Manaus – que faz parte da única região onde ainda não houve Encontro do MFPC – região tão rica e linda de nosso país!

Beatriz R.O. Araújo –
Belo Horizonte
Autora é membro do MFPC

Editorial

Amigas e amigos, de nada adiantou e não foi aprovado, na Assembleia do MFPC e AR (Associação Rumos) em Brasília, o meu requerimento de aposentadoria de editor do Jornal Rumos! Por unanimidade o plenário dos participantes vetou meu pedido, mesmo com a comprovação de eu já estar há 9 anos editando, e de já estar com 86 anos...

Então vamos continuar por mais 2 e meio anos, até o XXII Encontro do MFPC de julho de 2019 em Manaus AM.

Conto com a preciosa colaboração de Antônio Muller, atualmente residente em Joinville, a 120 km de Porto Belo e Itapema, onde paginamos, diagramamos e imprimimos o jornal.

Nesta 249ª edição conto, também, com a valiosa colaboração de vários membros do MFPC que me enviaram seus artigos. Espero que novos artigos continuem vindo de mais outros e outras, enriquecendo, assim, a "fisiologia" do NOSSO jornal.

Nosso recém-eleito Presidente do MFPC, Antônio Evangelista Andrade, inovou a fotografia em sua carta aos lei-

tores, fazendo-se bem acompanhado de sua esposa Aíla.

E me convidou a imitá-lo. Daí que eu também apareço no Editorial bem acompanhado de minha esposa Aglêcia...

Finalizo esta 1ª edição de 2017 desenhando 2 coisas:

- que os recebedores do jornal impresso que ainda estão com anuidade vencida (olhem o endereço de correio) atualizem seu débito; mas aguardem até a próxima edição de abril, para saberem como enviar os 50,00 (ou 150,00 como sócios da AR) ao novo tesoureiro, cujo banco e conta publicarei;

- Que este novo ano traga a todos e todas as somatória de todos os bens de que necessitam e solicitam.



Gilberto editor

CARTA ABERTA AO POVO DE DEUS XXI ENCONTRO NACIONAL DO MFPC

Queridas Irmãs e queridos Irmãos.

Vivemos hoje sinais claros de uma pós-modernidade que afeta o mundo atual pela negação de saberes tradicionais, um consumismo avassalador, um sentimento de vazio, um hedonismo que faz do prazer a norma máxima do sentido da vida, um boom de novas religiões, que colocaram a pessoa humana à beira de um desastre total. A Pós-Modernidade não se apega a nada. Liberdade é a palavra de ordem, não importa que resultado possa ter. Estamos diante do que o sociólogo Baumam chamou de "modernidade líquida". Tudo está em movimento. Não temos certezas, menos ainda verdades.

É neste contexto que o MFPC se reuniu em Brasília-DF, de 18 a 22 de janeiro de 2017, no seu XXI Encontro Nacional, para estudar, sentir e propor o tema "Renovação e Esperança", como desafio a este contexto. Estiveram presentes cerca de 90 participantes de 12 Estados brasileiros, bem como representantes do Equador, Argentina e Chile.

Nós, padres casados, nos propomos ir além de nós mesmos e de um modelo de sacerdócio corporativo, na direção de uma Igreja Reino de Deus, anunciada por Jesus de Nazaré, pela nossa imersão na comunidade, levados e guiados pelo amor, simplesmente pelo amor.

Reforçando os objetivos do MFPC e passando do dizer ao fazer, nos propomos:

- 1- Acolher e apoiar com ações concretas os colegas que deixaram o ministério;
- 2- Viver os ensinamentos de Jesus na realidade familiar, no trabalho e na comunidade, particularmente na defesa dos direitos humanos e sociais;
- 3- Estar atentos para onde caminha a sociedade atual, utilizando nossa capacidade de análise e práticas de intervenção em Faculdades, Escolas e Obras sociais, dentre outros;
- 4- Divulgar o MFPC por meio das várias mídias, do Jornal Rumos e do site www.padrecasados.org;
- 5- Respeitar os colegas que deixaram o ministério e não têm interesse em participar do MFPC;
- 6- Respeitar igualmente os egressos que querem exercer o ministério tradicional quando solicitados ou houver necessidade;
- 7- Animar e fortalecer os grupos do MFPC locais;
- 8- Dialogar com Bispos abertos ao movimento;
- 9- Manter abertura e apreço pelos padres que permanecem no ministério sa-

Carta do Presidente aos leitores

Caríssimos amigos do MFPC, Paz e Bem!
No período de 18 a 22 de janeiro de 2017, vivenciamos intensamente a alegria de estarmos juntos, quando realizamos em Brasília o XXI Encontro Nacional do Movimento das Famílias dos Padres Casados - MFPC.

Participaram do evento cerca de 90 colegas de 10 estados brasileiros, bem como representantes do Equador, Argentina e Chile.

Para nós, de Brasília, como grupo organizador do encontro, foram grandes momentos de doação, generosidade e gratidão.

Foi um encontro marcado pela fraternidade e dedicação, além do entusiasmo dos participantes que ficou registrado na carta final, lida na cerimônia de encerramento, como o resumo a seguir: "Nós, padres casados, nos propomos ir além de nós mesmos, superar um sacerdócio corporativo na direção de uma Igreja, Reino de Deus, ao modelo de Jesus de Nazaré, pela nossa imersão na comunidade, levados e guiados pelo amor, simplesmente pelo amor".

Percebe-se que o desejo do MFPC, está em consonância como o que delinea o contido no nº 12 da Lumem Getium: "O Povo de Deus participa da função profética de Cristo. Por seu "sensu fidei" não pode enganar-se a respeito daquilo que ele crê em matéria de fé e de costumes. O Espírito suscita e mantém

esse senso da fé. O mesmo Espírito distribui entre os fiéis de qualquer condição graças especiais, conforme lhe apraz. "Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos".

Chamou-nos atenção o elevado nível dos competentes palestrantes com suas riquíssimas reflexões, bem como todas as intervenções, tonto dos que compunham à mesa, como as dos grupos de trabalho. Esse conceito levou os participantes a avaliarem o encontro em 67% como ótimo/excelente.

Riquíssima também foi a coparticipação dos representantes dos Estados na condução dos trabalhos diários. Foi uma experiência nova que precisamos incentivar-la e aperfeiçoá-la.

Nossos mais profundos agradecimentos a todos os que vieram a Brasília, aos que não mediram esforços na organização do evento e esperamos realizar o XXII em Manaus com muito mais brilhantismo.

Muito obrigado a todos e que a bondade de Deus seja nossa força.

Antônio e Aíla
Presidente do MFPC



cerdotal e que têm compromisso com o movimento de Jesus Cristo;

10- Manter posturas ecumênicas e acolher simpatizantes do Movimento;

11- Promover Encontros Nacionais e Regionais com temas atuais, como ciências emergentes, sexualidade e diversidade;

12- Atuar em conjunto com os movimentos análogos de outros países, sobretudo os da América Latina, para reforçar e ampliar o MFPC e a Associação Rumos no

Brasil e as Confederações internacionais.

"Renovação e Esperança" são as palavras de ordem que adotamos e dirigimos a todos, para que juntos reavivamos nossas esperanças e a coragem de seguirmos Jesus de Nazaré na construção do Reino de Deus, um mundo de justiça, igualdade, fraternidade e amor.

XXI ENCONTRO NACIONAL DAS FAMILIAS DE PADRES CASADOS - BRASÍLIA

Expediente

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.



Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrecasados.org

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:
Presidente da AR - Antônio Evangelista de Andrade
Vice-Presidente da AR - Lusimar de Deus Osni
Toureira: Joelma dos Santos Galvão
Secretária: Maria Vanderlena Torquato Lenira
Moderador do e-grupo padrecasados: João Correia Tavares
Coordenadores do site www.padrecasados.org: João Correia Tavares e Antonio Evangelista, com a ajuda estética e técnica de Giba e seu filho Marco Gonzaga
Coordenadores do Grupo dos jovens: José E. Rolim Mata e Rejane
Novo e-mail do MFPC: mfpccrums@gmail.com
E-mail para enviar matérias para o site: tavaresj@elointernet.com.br
Representante internacional: João Correia Tavares e Sofia
Coordenador da comissão de teologia: Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencen
Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR: Antônio Evangelista Andrade
Assessores bíblico-teológicos: Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencen
Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: Telma Araújo de Oliveira Spagnolo, Sônia Maria Salviano Matos de Alencar, Jorge Pançonio Ribeiro
JORNAL RUMOS:
Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga
Assessoria: Antônio Müller
Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo
Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)
Correspondência: artigos, comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Florianópolis SC, fone 47-9-9983-5537
Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual do Jornal Rumos: R\$ 50,00 (cinquenta reais)
Pagamento pela Agência:

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro:

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda);
Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no Agência: Conta Corrente:

Boa Noite Gil...A nova edição do jornal não dá chance de um novo candidato surgir...

Rsrssr. Se quiseres um substituto vais ter que esvaziar um pouco a dispensa...

Ótimo jornal, parabéns e assim você mantém a mente e corpo ligados ao mundo real.

Lembrando dia treze de dezembro, teu aniversário, está aí, não assuma grandes compromissos.

Renato Enzweiler
renato@enzweiler.com.br

Muito obrigada!

E um feliz, feliz Natal com muita saúde e muita paz!!!

Abraços, Isabel Maria Santos Araújo
missbelstar@gmail.com

Parabéns, Gilberto, por mais essa edição do Jornal tão ilustrativo e inteligente. Um abraço.

Maria Olivia Brito Ramos
moliviaramos@yahoo.com.br

Gilberto, estou lendo o jornal.

Gostei do texto sobre a Sacerdotisa Olga Lúcia Alvarez, na página 12 e seguintes que trata das diaconisas, Ministério Feminino e a Mulher e o Sagrado.

Defendo a ideia de que as mulheres devam assumir novos ministérios na Igreja.

Não gostei da piadinha final. Achei de mau gosto, e olha que não sou "carola". Parece que desdiz o que os artigos das páginas 12, 13 e 14 estão querendo defender.

Abraço. FELIZ NATAL

Énio Bernardo Schmitz
eniosalesiano@gmail.com

Boa noite Giba, obrigada!

Hilariani arquitetura
hilariani@hotmail.com

Que el Cristo, misterio pleno de Vida y Amor, encienda las brazas humegantes de nuestros humildes fuegos y nos unifique mos el El/Ella, Todo@s y toda la Madre Tierra. Abraço desde Tandil, Argentina y viendo la posibilidad de compartir la "movida".

Raúl Gustavo - Tandil, Argentina
calfurape@gmail.com

Já li os artigos publicados neste número. Aplaudo com entusiasmo a iniciativa de vocês, apoiada com sucesso por você e esposa, para manter unidos os colegas casados. Aprecio o equilíbrio e respeito com que os articulistas emitem pronunciamentos relativos aos permanentes desafios da Igreja. Continuem com coragem e parrechia.

Monsenhor Pedro Terra Camilo
pedrocamilotelles@gmail.com

O jornal é sempre um momento de atualização, pois a questão dos padres casados toca diretamente nosso ministério pois somos irmãos. Muito obrigado

Padre Eder Celva
edercelva@gmail.com

Meus irmãos Presbíteros! Obrigada Gilberto!

Que rumo estais a dar ao RUMOS?!
Deixo-Vos o site do JF: www.jornalfra-
ternizar.pt

E o meu preocupado abraço.

Padre Mário de Oliveira
padremario@sapo.pt

Nosso jornal Rumos está cada vez melhor, atualizando a alegria de evangelizar nossos queridos irmãos e queridas irmãs, que precisam do AMOR carinhoso de Jesus, o qual se revela, hoje, especialmente através dos meios de comunicação social.

Na foto visito um velho amigo, Simão, em Caravaggio. Lá celebrei a tradicional "missa crioula" com vinho de uva Isabel, colhida e fabricada em sua propriedade.



P. Mariano Callegari
Caxias do Sul - RS

Retribuímosa você e aos seus familiares os votos a nós dirigidos.

Compartilhamos com vocês nossa oração de encerramento do Ano.

Abraço fraterno,

Miguel e Erly Popoaski
epopoaski@gmail.com

(Envia para João Tavares)

Oi, obrigado pelo newsletter (Jornal Rumos).

Eu vivo na Polônia. Há 8 anos estou fora do sacerdócio.

Eu admiro que no Brasil você tenha organizações de ex-padres.

Aqui na Polônia, não existem tais movimentos, estamos dispersos. A opinião pública não simpatiza com os ex-padres. Saudações

Zbigniew Beifus (ex redentorista)
beifus@interia.pl

Caro Gilberto, não imaginas como admiro esta tua sacerdotal dedicação, no

que concerne à perfeita elaboração do teu Jornal. Fico perplexa com a variedade e atualidade de assuntos que tu consegues "juntar". E tudo isso com uma inenarrável beleza de apresentação.

Francamente: Parabéns.

É uma pena que pouco consigo ler, pelo fato de a letra ser muito pequena. Com outras matérias, sempre utilizo a técnica de COPIAR e, depois, COLAR no Word. Mas o teu Jornal não permite que se selecione qualquer assunto. No ZOOM, também se pode aumentar a letra. Entretanto, de novo, o teu Jornal não dá esta chance. Paciência. Mas, francamente, pelos títulos e pelo pouco que consigo ler, vejo a maravilha do teu trabalho. Mais uma vez, PARABÉNS! Que tu sejas muito abençoado e sempre inspirado a escrever e a publicar o MELHOR.

Recebe o meu abraço.

Natalia Ramos
nataliaramos80@gmail.com

(OBS. Do editor Gilberto: *Natalia, podes, sim, aumentar o tamanho das letras e textos. Consulta algum entendido.*)

Gostaria imensamente de assinar o jornal. Qual o valor da anuidade? Vocês mandam o jornal para endereço de caixa postal? (Niterói RJ) Aguardo resposta.

MIRTES JANETE MENDES
mirtesjanete@yahoo.com.br

(OBS. *Sim, Mirtes, pode assinar. A anuidade é 50,00. Mandarei ao seu endereço ou CP. Veja na pág. 2, embaixo, em EXPEDIENTE, como efetuar a assinatura. Abraço meu, Gilberto editor*)

Gilberto, acabo de receber o RUMOS, o "último" - verdade? - sob a sua coordenação editorial. Parabéns pelo excelente trabalho e o serviço prestado à AR e à causa. Parabéns também pela fé e perseverança. É estranho que a Hierarquia ainda não se tenha convertido, aceitando esta forma alternativa, legítima, do ministério presbiteral.

Mas não se cansem, insistam, perseverem. É o Reino de Deus que precisa de todos, também de vocês.

Padre Ney Brasil Pereira
ney.brasil@itesc.org.br

(OBS. *Padre Ney Brasil Pereira, meu colega e grande amigo, faleceu dia 9 de janeiro! Gilberto*)

Obrigado pelo jornal, desejo lhe um Feliz natal e prospero ano novo!

Zu Martins
zmartins68@hotmail.com

Prezado Gilberto Gonzaga, estou lhe enviando um artigo "O COMUNISMO CRISTÃO" para ser publicado a seu critério no JORNAL RUMOS do MFPC.

Felicitações ao Redator timoneiro do Jornal Rumos.

Meus Parabéns pelo último nº 248.

In corde Jesu, Feliz Natal, sds

Clovis Antunes C. Albuquerque
c_antunes30@hotmail.com

(Obrigado, Clovis. Continue colaborando. Seu artigo consta nesta edição. Gilberto editor)

Prezado Gilberto: li com grande interesse o Jornal Rumos na sua edição do próximo Natal. Seu conteúdo está excelente, como este e dos números anteriores. Meus aplausos e admiração pelo idealismo

e tenacidade em editá-lo por nove anos.

OBS. Amigo(a), quem é você? Desculpe por eu ter perdido seu nome e e-mail!!!
Gilberto editor)

Ao caríssimo editor e líder do grupo Rumos, bem como aos seus leitores e amigos, auguramos, de coração: que as festas do Natal e Ano Novo façam germinar flores de paz, amor, saúde e prosperidade no campo da sua vida, bem como no dos seus familiares. Que Deus o regue com suas bênçãos. Abraços.

Bernarda e Oswaldo Furlan - Fpolis
oswaldofurlan@gmail.com

Sempre guerreiro e ator das boas causas. Parabéns, Gil

Francisco De Assis Resende
fassisrezende@uol.com.br

Gilberto, saudações. Escrevendo brevemente: Admirei, gostei do texto "Além do padre casado". Se a nós acreditássemos que nossa oração deveria ser mais ação creio que algo mudaria na Igreja. O Evangelho foi fechado por grupos tidos como santos e receberam um enclausuramento tal, semelhante ao povo Judeu que fechou a Arca da aliança, em que o povo não podia chegar até ela. Não sei como a Igreja caminha com tantas contradições. De fato ela só pode ser de Deus. O pior é que as chefias pensam que estão sempre certas. Os fariseus pensavam assim também de Jesus. Creio que a gente chega ao céu por caminho sinuoso. Gilberto, vamos indo. Alcino Camata

acamatta@uol.com.br

Prezado amigo, recebi' RUMOS aqui na Itália, muito obrigado! Ainda não deu pra ler...pois eu e esposa estamos em BSBANE, Austrália, visitando nossa filha caçula e família. Eu teria preferido o nosso Brasil...masé assim! Um forte abraço e os votos melhores de BOAS FESTIVIDADES, extensíveis aos Colegastodos.

Orlando Testi - Brisbane.
orlando.testi@alice.it

Felicidades desde Bolivia y buen trabajo el del Jornal Rumbos. Es la obra de Dios en tus manos.

Gracias por tu apoyo y que Dios te bendiga por lo que haces en bien de su iglesia en la diaspora

Iván Uriona Bolivia
ivanhur49@gmail.com

Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO RUMOS (AR)

Aos vinte e dois de janeiro de dois mil e dezessete, conforme carta de convocação do presidente nacional da Associação Rumos, José Edson da Silva, aconteceu a Assembleia Geral Ordinária da Associação Rumos no Centro de Convenções Israel Píneiro na cidade de Brasília, às 8h30min, nos termos do art. 130do Estatuto, com a seguinte ordem do dia:

a) tomar as contas dos administradores, examinar, discutir e votar as demonstrações financeiras do exercício de 2014/2016;

b) relatar as atividades realizadas pela gestão e apresentação dos desafios pertinentes no biênio que se encerra;

c) eleger os novos administradores e os membros do conselho fiscal para o biênio de 2017/2019; **d)** outros assuntos de interesse geral a serem sugeridos e pautados na Assembleia Geral Ordinária da Associação Rumos.

A mesa de trabalho foi composta por José Edson da Silva, presidente Nacional da Associação Rumos, sua esposa Maria Lúcia de Moura, José Colaço Martins Dourado, vice-presidente e sua esposa Maria do Socorro Martins, e João Correa Tavares e sua esposa Sofia da Graça. Foram justificadas as ausências do tesoureiro Enoch Brasil de Matos Neto do secretário José Carlos Porto Silvério de Andrade. Na ocasião foram eleitos como secretários ad hoc o casal Luís Antônio Caon e Hilariani Martins.

O presidente José Edson da Silva passou a coordenação da assembleia para João Tavares que após saudar os presentes, leu a pauta acima citada que foi aprovada em assembleia, sendo que no item d) foram acrescidos os seguintes assuntos de interesse geral: grupos locais, jornal rumos e site da associação.

Assim sendo, passou-se para o **item a)** A esposa do presidente Sra. Maria Lúcia de Moura, em função da ausência do tesoureiro, apresentou o balancete do biênio passado informando o saldo em caixa de R\$ 3.566,52 (três mil, quinhentos e sessenta e seis reais e cinquenta e dois centavos), esclarecendo que outras dúvidas poderiam ser dirimidas analisando os balancetes que estarão disponíveis para todos os associa-



dos. Após apreciação da assembleia as contas foram aprovadas por unanimidade. Foi esclarecido que as fontes de receita da associação são os pagamentos de assinantes do jornal rumos, R\$ 50,00 anual e pagamentos de associados R\$ 150,00 anual. Os recursos arrecadados são investidos em viagens do presidente, quando necessário, para animar os grupos locais; no jornal rumos; na anuidade do site; na contabilidade da associação e na ajuda a padres e famílias do movimento que estão necessitados.

Item b) O presidente José Edson da Silva quando a diretoria do biênio passado assumiu, tinha a missão de despertar os corações dos padres jovens, pois, querem coisas diferentes; trazer os filhos; tratar de assuntos não só da Igreja, mas também da sociedade, como sexualidade, homo afetividade, pedofilia e outros; valorizar as mulheres; valorizar a prata da casa; fazer um registro histórico do MFPC. Foi dito sobre a importância de que a nova diretoria procure dar continuidade em algumas destas ações e amplie outras.

Item c) Foi eleita por unanimidade e tomou posse no mesmo ato a diretoria da Associação Rumos para o biênio 2017/2019 com a seguinte composição: Presidente: Antônio Evangelista de Andrade CPF 115.763.401-04 RG 425.003 SSP-DF; SMPW - Q17- conjunto 11 - lote 01- casa b - Park Way CEP 71.741-

711; e Vice-presidente: Lusimar de Deus Osni CPF 085.366.271-15 RG 280.721 SSP-DF Q E19conjunto C - c/20 - Guarã II-CEP 71.050.033 Brasília DF; Secretária: Maria Vanderlena Torquato Lenira CPF 214.680.361-49 RG 355.377 SSP-DF; SH/Norte - QL 02 - conjunto 05 - casa 08- Lago Norte. Tesoureira: Joelma dos Santos Galvão CPF 871.076.431-34 RG 4015754- GO QMS 25 - lote 06 - Setor de mansões - Sobradinho DF. O conselho: Telma Araújo de Oliveira Spagnolo CPF 696.935.367-20 RG 041.21054-3 SFP-RJ, QL 14, conjunto 1 - casa 4 - lago Norte; Sônia Maria Salviano Matos de Alencar CPF 118.253.403-15 RG 877.355 SSP -DF SMPW - Q5 - conjunto 13 - lote 9 - casa 617 - Park Way CEP 71.735-513 Brasília DF; Jorge Ponciano Ribeiro CPF 152.192.406 - 68 RG M582019, SQN 310BlocoA apto 602. Foi aprovada a continuação do atual Conselho Gestor da AR/ Movimento das Famílias dos Padres Casados: Coordenador da Assessoria Jurídica: Antônio Evangelista Andrade: aandrade1956@gmail.com; Coordenador da Comissão de Teologia: Eduardo Hoornaert, de Salvador, BA, e Geraldo Frencken, de Fortaleza; Coordenador de Relações Internacionais: João Tavares. Quem do MFPC que viajar para o exterior, pode entrar em contato com ele e representá-lo. Coordenador, Mode-

rador do E-Grupo: João Tavares; Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga, assessorado por Antônio Müller; Administrador do site www.padrescasados.org: João Tavares (MA), com a colaboração de Antônio Evangelista (DF) e de Gilberto Gonzaga e seu filho Marco, que continuarão ajudando técnica e esteticamente.

Ainda no item c) foi escolhido o local do XXII ENCONTRO NACIONAL DO Movimento das Famílias dos Padres Casados - MFPC. Após consultar os representantes de Manaus presentes na assembleia e argumentar favoravelmente sobre a região por não ter sido realizado nenhum encontro até então no local, por ser uma região de fronteira com países da América Latina e ter alguns bispos favoráveis ao movimento ficou definido o encontro do MPFC para julho de 2019 em Manaus.

Item d) falou-se da importância de organizar e fortalecer os grupos locais. O grupo de Florianópolis SC apresentou sua coordenação, cronograma de encontros para 2017 e objetivos, de acordo com o Movimento Nacional. Assim também falou o grupo de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro e outros Estados. Quanto mais fortalecemos os grupos locais, mais estaremos contribuindo e apoiando a coordenação Nacional.

Jornal Rumos ficou decidido que continuará sendo impresso e distribuído até o final 2017; solicitou-se que todos contribuam financeiramente com o jornal e enviem matérias.

Site: solicitou-se que todos o visitem e também enviem matérias.

Finalizados os assuntos o presidente José Edson da Silva agradeceu o apoio recebido em sua gestão, e o novo presidente Antônio Evangelista de Andrade com sua nova diretoria solicitou o apoio de todos na gestão que inicia. Sendo assim, foi encerrada a assembleia e nada mais havendo a tratar, nós Luís Antônio Caon e Hilariani Martins, eleitos secretários ad hoc lavramos e assinamos presente ata que será lida e assinada pelos respectivos responsáveis.

Brasília 22/01-2017

Luís A. Caon e Hilariani Martins

NOSSAS CELEBRAÇÕES

Fico muitas vezes a pensar na CEIA ou na MISSA. O que se celebra mesmo? Os quatro evangelistas narram esta CEIA DO SENHOR e apenas em Lucas ficou registrada esta ordem: "FAÇAM ISTO EM MEMÓRIA DE MIM Lc 22,19". Ordem esta que foi reforçada por Jesus para Paulo I Cor 11,17-34, praticada pelos primeiros cristãos e, por todas as denominações cristãs até hoje.

Foi na CEIA DE JESUS que, no início, aconteceu o gesto de LAVAR OS PÉS. Foi um gesto de SERVIÇO HUMILDE deixado por JESUS, e faz parte do todo. Celebrar a CEIA é estar a serviço do alimento, a vida. Jesus celebra o

AMOR que sempre teve e agora revelaria a sua grandeza incondicional a ponto de DOAR A PRÓPRIA VIDA.

Para Jesus devia estar bem vivo todo o sentido de cuidado que teve pela vida de cada um dos excluídos e principalmente o cuidado pelo povo que passava fome; estava presente a lembrança da partilha do pão registrada por cinco vezes no evangelho:

«Eles não precisam ir embora. Vocês é que têm de lhes dar de comer.» Mt,14,16; Mc 6,37 e Lc 9,13

«Tenho compaixão dessa multidão, porque já faz três dias que está comigo, e não tem nada para comer. Não quero mandá-

-los embora sem comer, para que não desmaiem pelo caminho". Mt,15,32 e Mc 8,2

Na comunidade de Paulo já corria o risco do esquecimento pelo cuidado dos excluídos do alimento: "De fato, quando se reúnem, o que vocês fazem não é comer a Ceia do Senhor, porque cada um se apressa em comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, outro fica embriagado. Será que vocês não têm suas casas onde comer e beber? Ou desprezam a Igreja de Deus e querem envergonhar aqueles que nada têm? O que vou dizer para vocês? Devo elogiá-los? Não! Nesse ponto não os elogio". I Cor 11,20-22.



E HOJE COMO ESTÃO NOSSAS CELEBRAÇÕES?! Fazemos o que Jesus mandou ou apenas celebramos o que ele fez.

Hoje a maioria que passa fome já nem entra nos templos!

José Vanin Martins

O autor é membro do MFPC

É IMPOSSÍVEL EXCLUIR MULHERES DE FAZEREM A EUCARISTIA

Nem toda supressão da verdade é falsidade ideológica quando se trata de abuso de poder, conscientemente, ou seja, sabendo-se o que se faz e contra quem, avaliando-se o dano de universal alcance, no caso exposto.

As mulheres excluídas dos sacramentos é supressão ética e espiritual em razão do batismo e da confirmação.

O que não se pode negar é coexistirem tanto no varão, o homem, quanto na mulher; e por que não igualmente coexistirem no sacerdócio.

Afirmar-se: “Só um varão batizado ... é válido”, não tem e jamais terá a confirmação divina, por ser uma agressão à mulher em sua dignidade, espiritualidade, em seu di-

reito; e contra os próprios homens, em todos os princípios divinos, éticos, morais, etc.

Só haverá uma resposta perante Deus e a humanidade, se não houver a supressão da verdade!

Paulo Barabasz
União da Vitória/PR
Autor é membro do MFPC



O COMUNISMO CRISTÃO

O vocábulo “COMUNISMO” tornou-se uma palavra ideológica de conotação diabólica.

Por quê?...Porque sua prática na Política de Governo estabelece o absolutismo do Estado do comunismo totalitário. O princípio “tudo é comum” só pode ser aplicado pelo Governo Soberano do Estado para distribuir bens. O poder do absolutismo político do Estado visa a confecção e a interpretação das leis ser benéfica para alguns decidirem, e à força, em prejuízo da opinião dos que são contrários. O absolutismo do Estado é o obscurantismo relevante das posições políticas na criação e evolução das leis entre as Nações. Gera conflitos sociais e luta de classes bem como o privilégio e dominação de uns, em detrimento de outros, para usufruir dos bens da Natureza. É a ditadura das ideias, das mentes e da cultura. Se tudo o que existe for distribuído e vivido em comum numa sociedade desigual é contradição

O melhor Sistema de Governo ainda é, e sempre, a Democracia: a participação de todos os cidadãos em direitos iguais perante a Lei. Contudo, a utopia do comum pode ser um ideal possível.

E agora fica a pergunta: Existe o “COMUNISMO CRISTÃO?...” Sim, tanto na teoria como na prática. O Comunismo Cristão se espelha no comportamento evangélico das primeiras comunidades de cristãos na partilha dos bens.

“Todos os que creram, estavam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e seus bens, e dis-



tribuíam o preço para todos, segundo a necessidade que cada um tinha” (Lucas. Atos: 2.44-46). Desejavam viver as Bem-aventuranças no desapego dos bens para imitar o Cristo “que não possuía uma pedra para apoiar a cabeça”.

O Comunismo Cristão é praticado pelas Ordens Religiosas. Homens e mulheres querem cumprir a utopia do bem-comum numa sociedade fraterna. Essas comunidades continuam ainda hoje, nas suas mais diversificadas espiritualidades através de monges, sacerdotes e leigos em nível pontifício (ligado ao Papa) e em nível diocesano (ligado ao Bispo).

Como fica na prática esta realidade do Comunismo Cristão?... Seus sócios fazem uma promessa de fé (votos solenes, temporários e ou perpétuos na obediência, pobre-

za e castidade) segundo as normas de uma “CONSTITUIÇÃO”. Há também sociedades de leigos, solteiros e ou casados, para participar da vida em comum. Há uma hierarquia de poder: superior geral e provincial e superior em cada comunidade. Norma básica: todos os bens conquistados são da comunidade e distribuídos de acordo com as necessidades de cada um. O dinheiro recebido de qualquer fonte é entregue para reserva da “caixa comum”.

O comunismo cristão deu origem, no mundo de hoje, às cooperativas-cotistas cujo lucro é distribuído em partes iguais. O comunismo cristão foi vivenciado na práxis política, do dia a dia, nas comunidades indígenas das Sete Missões, no Brasil, (Rio Grande do Sul), fundadas pelos missionários jesuítas no século XVIII. O comunismo cristão propicia a solidariedade para construir um sistema político: O SOLIDARISMO.

O “COMUNISMO CRISTÃO” evidencia a Mensagem de Jesus Cristo, a Mensagem das Igrejas, a Mensagem do Concílio Vaticano II que aprova “uma igreja dos pobres com os mais pobres”. Agora, como as Ordens e Congregações Religiosas Cristãs podem, ainda nos tempos atuais, sem ostentação, sem opulência e desapego dos bens, propagar o ideal de uma Comunidade para vivenciar e justificar na prática da vida humana o “COMUNISMO CRISTÃO”?...

Clovis Antunes
c_antunes30@hotmail.com
Autor é membro do MFPC

ENCONTRO DE FRANCISCO COM RELIGIOSOS

Em um encontro com 140 superiores gerais de congregações e ordens religiosas masculinas, em novembro passado, o Papa Francisco tratou de vários assuntos que merecem destaque. A transcrição do encontro foi publicada pela revista jesuíta La Civiltà Cattolica.

Falando especificamente sobre os membros de ordens religiosas, Francisco disse que dentro das dioceses eles “não devem ter medo de dizer as coisas” e devem combater a atmosfera mundana e principescas que se adentrou nas estruturas da Igreja.

De acordo com Francisco, um homem não precisa ser cardeal para acreditar que é um príncipe: “Ser parte do clero já é o suficiente. Esta é a pior parte da organização da Igreja. Monges e frades podem contribuir com o testemunho de uma fraternidade mais humilde.”

Ele também pediu que as ordens religiosas se mantenham na pobreza, porque é isso que “o Senhor quer”. E quando não se mantém, acrescentou, Deus envia um “ecônomo que leva o instituto

à falência!”

O Papa também admitiu preocupação com o declínio das vocações religiosas no Ocidente. Ele ainda afirma esperar que o próximo Sinodo dos Bispos, que discutirá sobre os jovens e o discernimento vocacional, possa abordar e pensar em soluções para esta questão.

No entanto, ele também está preocupado com o surgimento de novos institutos religiosos, que atraem muitas vocações religiosas, mas acabam fracassando por vezes em decorrência de escândalos de seus fundadores. Algumas destas novas ordens, acrescentou Francisco, são “restauracionistas”, e proporcionam uma aparente segurança, quando é, na verdade, uma forma de “rigidez”.

Não criem esperanças no florescimento súbito e massivo destes institutos, disse o Papa aos Superiores Gerais de congregações e ordens religiosas masculinas. “Em vez disso, prefiram o caminho humilde de Jesus, o caminho do testemunho da Palavra”.

O Papa também repetiu al-

gumas de suas ideias habituais, como a necessidade de uma Igreja que “se expanda”, segundo ele, em direção à periferia, tanto existencial quanto socialmente. “Pensemos na pobreza ligada à questão dos migrantes e dos refugiados: mais importante do que os acordos internacionais é a vida dessas pessoas!”.

Ele também falou sobre a necessidade de que os seminaristas aprendam sobre discernimento, pois “estamos acostumados a lidar com fórmulas de ‘oito ou oitenta’ na educação, e não com o meio-termo da vida. E o que importa é a vida, não as fórmulas”. Discernir, apontou Francisco, “significa caminhar pelo meio-termo da vida de acordo com a vontade de Deus”.

Quanto aos temas para a Jornada Mundial da Juventude, em 2019 no Panamá, estarem relacionados com a Virgem Maria disse que eles foram os únicos temas sugeridos para ele, mas afirmou estar “contente” com as propostas, porque há uma forte devoção mariana na América Latina.



Questionado sobre a fonte de sua serenidade, Francisco disse que está em paz desde que foi nomeado papa e que não precisa de “tranquilizantes”.

Ele reconheceu que a corrupção dentro do Vaticano é um dos problemas que a Igreja enfrenta, mas que está em paz mesmo com isso: “Se estou com algum problema, escrevo um bilhete para São José e coloco debaixo de uma imagem que tenho dele no meu quarto [...] agora ele dorme

em um colchão de bilhetes!” Para viver em paz, disse, é preciso um “posicionamento saudável diante dos problemas que enfrentamos.”

Antes de fechar o encontro, Francisco também pediu que os religiosos “sigam adiante com coragem e sem medo de errar”, pois não erra quem não faz nada. “Precisamos ir adiante! Vamos errar às vezes, sim, mas a misericórdia de Deus está sempre ao nosso lado!”, disse ele.

Luíza Flores Somavilla

NO FUTURO, AS PESSOAS NÃO MORRERÃO POR ENVELHECIMENTO

Aubrey de Grey, 53 anos, quer curar o envelhecimento. Sim, para esse pesquisador inglês, formado em ciências da computação na Universidade de Cambridge, envelhecer é uma doença tal como a malária – ou ainda pior, por vitimar muito mais pessoas – que pode ser perfeitamente evitável.

A seu ver, para pensar em uma solução é preciso entender o envelhecimento e a morte como resultado de um processo de acúmulo de danos e imperfeições no organismo.

A chave, então, seria reparar esses danos celulares antes de efeitos graves que fariam o corpo

pifar, com soluções hipotéticas, ainda pouco testadas mesmo em animais. A razão disso, afirma ele, é a falta de financiamento suficiente para sua Fundação Sens, ONG californiana dedicada a minimizar a senescência com engenharia.

Mariana Versolato



BISPOS ALEMÃES AFIRMAM QUE É POSSÍVEL DAR A COMUNHÃO A DIVORCIADOS EM 2ª UNIÃO

Na Alemanha, os católicos, depois de uma separação e de um casamento posterior, não estão mais, em princípio, excluídos da comunhão. A decisão é da Conferência Episcopal Alemã, que chegou a essa conclusão a partir da exortação apostólica Amoris laetitia, do ano passado.

Nesse documento, o Papa Francisco ressaltou a importância da decisão em consciência, comunicaram os bispos na quarta-feira em Bonn. Assim, em casos individuais, a decisão de se aproximar da Eucaristia deve ser respeitada. O processo de decisão deve ser acompanhado por um diretor espiritual.

Não se trataria, portanto, de uma liberalização geral, enfati-



zaram os bispos: “Nem todos os fiéis cujo matrimônio fracassou e que estão separados e se casaram de novo podem receber os sacramentos indiscriminadamente”.

Até agora, os divorciados que contraíram um novo matri-

mônio não podem receber a comunhão, porque, segundo a doutrina católica, vivem em estado de culpa grave. Durante um ano inteiro, os bispos católicos alemães tentaram chegar a uma declaração pastoral comum, para

podem implementar as indicações do documento do papa em todas as dioceses.

Alguns bispos conservadores alertavam contra uma liberalização dos sacramentos, o que colocaria em discussão a indissolubilidade do matrimônio. Os cardeais alemães Joachim Meisner e Walter Brandmüller, por isso, se opuseram à linha proposta pelo papa. Junto com outros dois cardeais, um italiano e um estadunidense, pediram a Francisco, no ano passado, um esclarecimento sobre alguns pontos ambíguos, na opinião deles.

A Conferência Episcopal Alemã também anunciou que quer melhorar a preparação para o matrimônio e dar mais peso para a

pastoral para os cônjuges.

O Comitê Central dos Católicos Alemães e o movimento de leigos católicos “Nós somos Igreja” acolheram favoravelmente a declaração dos bispos. No entanto, o “Nós somos Igreja” lamentou o fato de os bispos alemães terem levado nada menos do que nove meses antes de chegarem a um acordo sobre uma declaração conjunta. E que, do ponto de vista ecumênico, justamente no ano do 500º aniversário da Reforma, é decepcionante uma declaração dos bispos alemães que ainda afirma que “nos casamentos mistos também não é possível a plena comunhão na ceia do Senhor”.

Jornal Frankfurter Allgemeine

O FUTURO DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

“Quem ainda acredita que o cristianismo é um motivo de esperança, encontrará na Teologia da Libertação vínculos solidários com todos os credos, filosofias, modos de humanidade e coletivos sensíveis com a sorte dos descartados. Novas alianças ainda são possíveis. Foram no passado. Serão indispensáveis no futuro”, escreve Jorge Costadoat, SJ, teólogo chileno, em artigo publicado por Reflexión y Liberación, 29-01-2017

Eis o artigo.

A Teologia da Libertação foi a expressão mais genuína da recepção do Vaticano II na América Latina. O Concílio, no continente, deu lugar a uma nova Igreja, uma Igreja ungida pelo Espírito, capaz de celebrar e pensar como só podem fazê-lo comunidades livres e adultas.

É isto, penso, o que o Papa Francisco reconhece quando disse: “A Teologia da Libertação é uma coisa positiva na América Latina”. E continua a ser? Ou simplesmente se esgotou?

Não tenho dúvidas de que, de um ponto de vista metodológico, a Teologia da Libertação segue vigente. Teria que suspeitar, ao contrário, de teologias não liber-

tadoras. Se não libertam, com o que estão comprometidas? Mas não se pode negar que a Teologia da Libertação, enquanto movimento, enquanto modo de ser Igreja, está em crise.

Observo o tema de uma esquina do continente: o Chile. Minha visão é parcial. O que vejo? Um novo clero combateu a eclesiologia do Povo de Deus. Chegou o bispo e disse: “é melhor um padre ruim do que uma boa freira”. Tirou a irmã, e o padre acabou com a participação comunitária. A religiosa sumiu. Nunca mais se ouviu falar dela. Comunidades cheias de vida, pessoas que aprenderam a ler com a Bíblia nas mãos, catequeses familiares, cozinhas, pratos, coleta de fundos, refúgio contra a ditadura, amparo às vítimas das violações aos direitos humanos, cestas básicas de solidariedade, teatro, visitas aos doentes, as exéquias feitas pelos próprios leigos, iniciativas com os deficientes, liturgias dirigidas por mulheres, drogados, idosos, alcoolistas, isto e muito mais foi ignorado, considerado talvez profano, eliminado ou deixado simplesmente cair.

Deve-se reconhecer, sim, que as crises das comunidades – e

de uma teologia que se não se arraiga nelas não tem razão de ser – não dependeram apenas de padres e bispos do pós-concílio revisionista. A mudança cultural em andamento é impressionante. O mercado transforma as pessoas em indivíduos solitários, inermes; arma e desarma redes precárias de clientes. Todas as formas de associatividade experimentam mutações radicais. Surgem novas. As antigas morrem, enfraquecem e, em alguns casos, conseguem transformações positivas. A religiosidade encontra-se na mão de um grande mercado, no qual até mesmo o cristianismo é oferecido em produtos e a preços com os quais o próprio catolicismo não pode competir.

A situação é tão grave que, não pela questão de uma teologia melhor ou pior, o futuro da Igreja na América Latina está comprometido. Dir-se-á que a religiosidade popular ainda é vigorosa. Certo, mas na perspectiva do Evangelho, esta é mais cristã quanto mais fraternal e solidária for. E é exatamente isso que está fracassando. Haverá, no futuro, comunidades cristãs que celebram sua fé e compartilham o pão com os necessitados? Quem correrá riscos



A teologia do libertação ligada à teologia do serviço só pode ser entendida no prisma do Bom Pastor.

pelo amor ao próximo? Na minha opinião, as comunidades são fundamentais. Se elas vierem a faltar, o resto importa menos, pouco ou nada.

Contudo, mesmo no caso de só restarem cristãos solitários, sem comunidades, crentes zumbis, utópicos do Reino dos Céus, eles podem travar uma batalha nesta guerra, embora seja como franco-atiradores; também Jesus, ao final, seguiu em frente sozinho. A comunidade o abandonou. Poderão apenas resistir, porque as razões para vencer, nesta terra, são quase nulas. Ainda poderão identificar-se com a Teologia da Libertação aqueles que militam

contra os abusos à dignidade humana.

O capital concentra-se em um grau pavoroso, a necessidade de ter um trabalho compromete mais do que nunca a honra das pessoas, o planeta se incendia e pode fracassar pela razão menos pensada. Quem ainda acredita que o cristianismo é um motivo de esperança, encontrará na Teologia da Libertação vínculos solidários com todos os credos, filosofias, modos de humanidade e coletivos sensíveis com a sorte dos descartados. Novas alianças ainda são possíveis. Foram no passado. Serão indispensáveis no futuro.

Jorge Costadoat, SJ



AS 7 MARAVILHAS DO SACERDÓCIO

A primeira maravilha do sacerdócio é a fé! Por muito que nos custe admitir, o sacerdócio não é uma conquista pessoal, mas um presente divino endereçado à nossa liberdade. «Aquele que nos ama e pelo seu sangue nos libertou do pecado, fez de nós um reino de sacerdotes para Deus» (Ap 1, 6). Foi a fé que nos gerou para o ministério sacerdotal. Contudo, «a fé sem caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente!» (Bento XVI, Porta Fidei, 14).

A segunda maravilha do sacerdócio é a pobreza! Por vezes, corremos o risco de pensar que o cálice é um troféu. O n.º 8 da Presbyterorum Ordinis desafia os presbíteros a não se esquecerem da hospitalidade, a cultivarem a beneficência e a comunhão de bens. Porque «ninguém é simplesmente ordenado para si mesmo (...) e apenas para proveito próprio» (Youcat, 248). Mas além desta partilha, o presbítero é chamado a ser pobre, para assim distribuir pelos outros a riqueza da sua criatividade, paciência, escuta, caridade e tempo. A comunhão de bens

materiais entre sacerdotes deveria acontecer espontaneamente, pois temos estruturas para fazê-lo.

A terceira maravilha do sacerdócio não poderia deixar de ser o celibato!

Porque a vida presbiteral é uma vida de relações humanas, o celibato torna os presbíteros mais disponíveis para se entregarem a todos e para se consagrarem inteiramente a uma missão. Numa célebre entrevista a um jornalista alemão, o Papa Bento XVI propunha: «Eu penso que o celibato ganha sentido, no seu simbolismo significante e principalmente também na sua vivência, quando são formadas comunidades sacerdotais» (Bento XVI, Luz do Mundo, 145).

A quarta maravilha do sacerdócio é a obediência!

Uma obediência a Cristo que se expressa na obediência ao seu Bispo. O presbítero e o bispo não são adversários, mas colaboradores na missão da Igreja (João Paulo II, Redemptoris Missio, 67). Uma obediência que não é sinónimo de ditadura, mas diálogo na diferença eclesial. Sem diálogo, a obediência esvai-se. Sem diálogo, o isolamento cresce. Sem diálogo,

a crítica atenua-se. E sem diálogo, o bispo acaba por acarretar sempre todas as culpas das desilusões, angústias e tristezas presbiterais.

A quinta maravilha do sacerdócio é a alegria!

Na verdade, um dos nossos maiores pecados é a depreciação de nós próprios. Muitas vezes, perante os dilemas pastorais, achamos que não valem nada, gosamos de nos vitimizarmos, de viver o complexo da inferioridade e até perdemos a vontade de dizer como o Salmista: «Senhor, cantarei eternamente a vossa vontade!». Porém, estimado sacerdote: Deus escolheu-te por aquilo que tu és: com os teus defeitos e virtudes! Nunca deixes de acreditar em ti próprio, mesmo que as dificuldades e tentações continuem a desafiar-te.

Alegre-te porque a alegria é a medida do amor sacerdotal. A alegria é o melhor testemunho vocacional que podemos oferecer aos jovens. E, acredita, a alegria não pode estar somente nos frutos pastorais que produzimos, mas na qualidade da raiz, isto é, na ligação ao Senhor.

A sexta maravilha do sacerdócio é a oração!



É ela que fortalece a raiz do sacerdócio. A propósito, o patrono Cura d'Ars avisa-nos: «Os nossos olhos deveriam ser utilizados apenas para chorar, o nosso coração para amar e a nossa língua para rezar!» Portanto, alimenta a tua raiz com a oração, a Eucaristia, a Reconciliação e a Palavra de Deus. Não queiramos ser somente técnicos de pastoral ou promotores de eventos eclesiais, e deixemos que o Espírito faça a sua parte. Porque é Ele que te envia a anunciar a boa-nova, a proclamar a redenção e a restituir a liberdade aos oprimidos (Evangelho).

A sétima maravilha do sacerdócio é a unidade

A unidade geracional com a tradição que nos precede, a unidade espiritual com Cristo, sacerdote eterno, a unidade pastoral com a Igreja Arquidiocesana, a unidade cultural com o mundo que nos circunda, a unidade fraternal com os leigos, a unidade integral consigo próprio e, acima de tudo, a unidade presbiteral com os irmãos no sacerdócio. E por quê? Porque «o ministério presbiteral é, essencialmente, o ministério sacramental da unidade».

IHU

NIVELAR POR BAIXO

O mundo pode ser melhor e será. O mundo é novo. Quando o mundo se tornar adulto, ajudado muitas coisas acontecerão e o novo mundo surgirá. Mas por agora, paciência. É hora de se indignar e, se possível, fazer a nossa pequena parte.

A dependência química lícita ou ilícita é a poluição da mente, é a crença que em sã consciência nada posso fazer, então o melhor é me refugiar com alguma substância que me leva do sonho, da euforia, da ilusão, do falso oportunismo para sentir-me capaz de viver num mundo onde a poluição real está minando todo e qualquer valor.

Sou daqueles que acredito no valor do espírito e nos valores espirituais que representam a honestidade, o respeito, a dignidade, o esforço, a disciplina, a solidariedade, a justiça, a partilha, tudo



isto como fruto do valor maior: O AMOR. Sou capaz de amar. Amar custa.

Sou daqueles que ainda se indaga como o mundo será novo, se toda a tecnologia está à serviço da poluição, da violência, da destruição. E esta tecnologia já tomou conta de quase todas as famílias. A criança, desde pequena,

na grande maioria, não sabe fazer outra coisa a não ser ligar o computador para se poluir na infinidade de jogos de violência. O jogo todo, só polui e qual erva daninha entra na mente e no coração penetrando no mais íntimo do espírito toda carga de maldade. No mundo do asfalto nem mais se sabe o que é uma erva daninha, o que é um

joio.

A criança segue o irmão que está tornando-se, ou já se tornou, jovem e o filho jovem é fruto do exemplo do pai jovem e alucinado que morre de trabalhar para oferecer estes desvalores dentro da própria casa ou na casa dos avós que ficam paralisados ou admirados diante da agilidade dos netos no domínio desta tecnologia.

O mundo, a sociedade, está como os donos dos grandes capitais querem: trabalhando em silêncio, sem reação alguma, facilitando o espaço e as organizações de corrupção, para o enriquecimento cada vez mais de menos pessoas, de um grupo seletivo. Sente-se privilegiada quando surge um MORO na esperança que uma andorinha só fará o verão de uma nova era.

O salário dos grandes poderes judiciário, legislativo e executivo

já se tornou direito adquirido e sagrado. A grande fortuna de meia dúzia de empresários já se tornou acima de todos os impostos. Resta sangrar ainda mais o pequeno tirando os poucos direitos do trabalhador e de sua previdência.

De vez em quando, há uma rebelião nos presídios sub-humanos, nas famílias de militares, num grupo limitado de jovens estudantes e a mídia toda bem orquestrada fala e coloca seus holofotes na «selvageria» de atitudes limitadas.

Fico a pensar o que será do mundo quando toda esta selvageria que está sendo semeada nas mentes, no espírito e no coração desta nova geração vier a explodir. Gostaria de não ficar apenas a pensar, mas a fazer alguma coisa além de orar.

José Vanin Martins

Autor é membro do MFPC

O POVO PRECISA ESTAR ATENTO

Primeiro Renan Calheiros tentou enfiar goela abaixo do plenário o pacote de medidas anticorrupção, transformado em pantomima pela Câmara dos Deputados, na opinião do jornalista Josias de Souza. O circo armado pelos deputados provocara reações ácidas da chefia do Supremo Tribunal Federal e dos procuradores da Lava Jato. Houve reação contrária também entre os senadores.

Renan não se deu por vencido. Informou que recebera um pedido de urgência subscrito pelos líderes de quatro partidos: PSD, PTC, PMDB e PPe por mais 14 senadores. E não lhe restava senão submeter a questão

à deliberação do plenário. Levado a voto, o pedido de urgência foi rejeitado por 44 votos a 14. Curiosamente, apenas dois dos nomes citados por Renan estavam na lista dos 14 que votaram a favor.

A matéria desceu à Comissão de Constituição e Justiça do Senado, onde terá uma tramitação mais lenta e de acordo com os trâmites regulamentares.

Antes de deixar a presidência do Senado, Renan tentou outro golpe contra a sociedade brasileira. Na calada da noite e com a presença de poucos senadores colocou em votação e depois enviou para sanção de Michel Temer, outro projeto, preparado pelo ministro das Comu-

nicações, Gilberto Kassab, que beneficiava o setor das comunicações, com o perdão de RS 20 bilhões em multas e transferência de RS 80 bilhões em ativos alugados às teles, por ocasião das privatizações.

O tiro saiu, novamente, pela culatra por causa da forte reação da sociedade e de senadores que não haviam participado da manobra, exigindo que o projeto voltasse novamente ao senado.

Com tanta podridão no campo da política é preciso que o povo esteja sempre atento a esses e outros tipos de manobras, que ferem os interesses da nação.

Josias de Souza

BERGÓGLIO E OS MIGRANTES

O conjunto de problemas levantados pelo papa não diz respeito apenas a uma reforma mais geral da Igreja, mas toca feridas abertas do mundo contemporâneo, intervindo no debate público deste período e dos próximos anos. No centro das preocupações de Francisco está o problema dos migrantes que fogem de seus países arrasados por guerras internas. Embora os ocidentais tenham muita culpa nessa tragédia humanitária por terem provocado, com a chamada primavera árabe, a desestabilidade política no mundo árabe, o esforço de Francisco para o acolhimento dos refugiados não é bem visto por importantes instituições de extrema direita da Europa.

O Papa Francisco, “amigo dos migrantes”, está se tornando o principal adversário político e cultural das direitas populistas europeias. Trata-se de expoentes da Frente Nacional francesa ou da Liga Norte italiana, dos partidos nacionalistas e xenófobos húngaros ou alemães. Depois, há aqueles que, como o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, que implementou política de arame farpado para impedir a entrada de imigrantes.

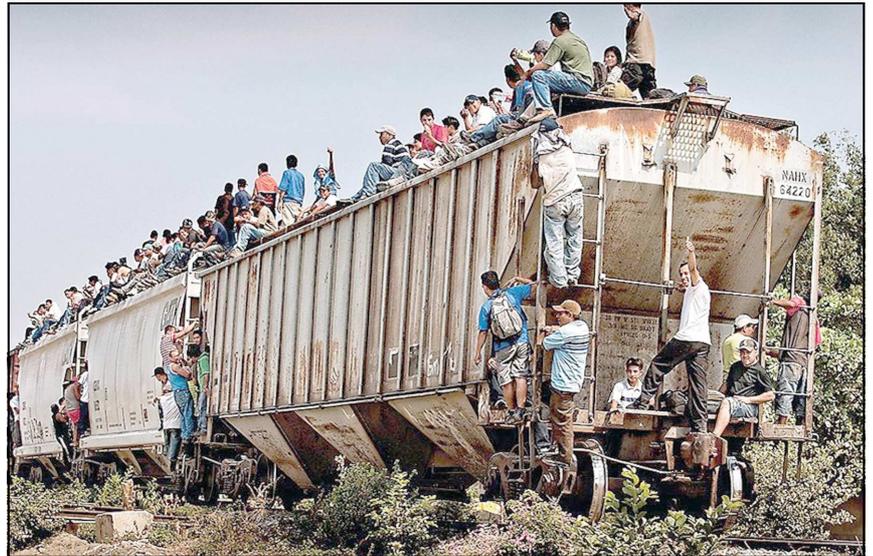
Os ataques contra a Santa Sé, os bispos e as associações católicas cresceram de intensidade. São várias as razões: o alerta pelos atentados terroristas, muitas vezes relacionados com o fenômeno migratório no debate público, a aproximação de importantes elei-

ções na Europa em que o tema migratório tem o seu peso real, a continuidade de uma crise econômica e social na Europa que facilmente é descarregada sobre o “estrangeiro”, a cronicidade dos fluxos de migrantes e refugiados, ainda não dramática numericamente em sentido absoluto, mas que certamente se tornou mais visível e preocupante com a disseminação de conflitos e crises humanitárias no Oriente Médio e na África.

Nesse contexto, o magistério de Bergoglio levanta a questão migratória como um divisor de águas epocal. O papa inverte a suposição leghista-lepenista da invasão e faz dela a base de um catolicismo renovado, universal, que olha para os refugiados e migrantes como para o coração do mundo contemporâneo em que o anúncio cristão deverá viver.

Certamente, a defesa dos migrantes por parte da Igreja não é uma novidade, mas, com Bergoglio, está em curso um salto de qualidade, e é aqui que emerge a diferença feita pela Igreja de Roma no conclave de 2013, com uma inversão de prioridades que tem muito a ensinar à política.

Recentemente, diversos expoentes da Frente Nacional Francesa atacaram Bergoglio. “A Igreja Católica está desconectada da realidade. Em nome da acolhida aos outros, nos rejeita. Hoje, ela é representada por bispos políticos, que são adversários da fé”, disse Gilbert Collard, intelectual e par-



lamentar lepenista, enquanto a cúpula do partido acusa o episcopado de fazer política e de querer se substituir aos partidos.

Dentre as coisas que não agradaram aos partidos populistas, estava a reação da Santa Sé ao assassinato do padre Jacques Hamel, perto de Rouen, em julho de 2016, que era amigo das comunidades muçulmanas e homem do diálogo, muito amado pelos muçulmanos da França.

A radicalidade do Evangelho é a linha que o pontífice segue, e ao longo desse leito encontra muitos adversários, mas que têm o limite de querer acreditar mais na instituição do que na Revelação.

Por isso, as suas palavras, assim como as que foram pronunciadas por ocasião da missa de Natal, são tão pungentes: “Deixemo-nos interpelar pelo Menino na manjedoura”, afirmou Francisco, “mas deixemo-nos interpelar também pelos meninos que, hoje, não estão deitados em um berço e não são acariciados pelo afeto de uma mãe e de um pai, mas jazem nas esquálidas ‘manjedouras de dignidade’: no refúgio subterrâneo para escapar dos bombardeios, nas calçadas de uma grande cidade, ou no fundo de um barco sobrecarregado de migrantes”.

Aos que o atacavam, o papa, em outubro de 2016, respondeu

de modo claro: “Se alguém se diz cristão e depois expulsa o refugiado, o faminto, o sedento, aqueles que precisam, então é um hipócrita. Há uma contradição naqueles que querem defender o cristianismo no Ocidente e, depois, são contra os refugiados e as outras religiões”.

O Papa Francisco pede, ainda, que a comunidade internacional olhe para as guerras, para os sofrimentos das populações, para os barcos afundados mais do que para as rejeições. Ou, melhor, que coloque a mão nas causas para remover os efeitos e, portanto, as consequências na “nossa casa”.

Francesco Peloso

PAPA FRANCISCO TEM POSTURAS DISCUTÍVEIS

Gosto do Papa Francisco, pela sua simplicidade, pela atenção aos pobres, pela universalização das honrarias cardinalícias, principalmente nos países marginalizados.

Mas não entendo certas posturas, como afirmar e reafirmar que a ordenação sacerdotal das mulheres está com as portas fechadas. Motivo: Jesus só escolheu homens, como apóstolos. Por isso, as mulheres estão fora...

Ora, pois! Cristo também foi produto de sua época e de sua cultura. Era judeu e tinha que cumprir os ritos judaicos, embora combatesse o farisaísmo e a interpretação equivocada das Escrituras.

Nós temos o direito natural de pensar e de agir, conforme a nossa consciência, aceitando o que nos parece certo e evitando o que achamos errado. A obediência cega é um erro, que nos leva a atrocidades, tais quais o nazismo, a inquisição etc...

Em sã consciência, não precisamos obedecer a ninguém, nem mesmo ao Papa, quando entendemos que algo não é correto, nem crível. Usando nosso direito e dever natural de pensar, perguntamos: por qual motivo as mulheres não podem ser sacerdotisas, episcopisas, papisas?

Na época de Cristo, as mulheres eram escravas. Os maridos faziam o que bem



entendiam, dividindo a cama com servas e concubinas. Mulheres adúlteras eram apedrejadas. Mas os homens adúlteros, não.

Os tempos mudaram. Hoje, as mulheres já ocupam cargos importantes na sociedade. Uma mulher pode ser presidente, primeira-ministra, senadora, deputada, juíza, promotora, delegada, diretora de Empresas etc. Por que a mulher

não pode ocupar cargos eclesiais, em igualdade de condições com os homens? Isso é incompreensível e inaceitável. Não é essa a Vontade de Cristo.

Talvez o próximo Papa (africano, filipino, chinês...) mude esse quadro atual. Outro ponto, difícil de aceitar e de entender, é este: o Papa recomenda que as cinzas da cremação dos corpos sejam depositadas,

em locais sagrados. E cita, como exemplo, apenas os cemitérios. Neste caso, a família tem que pagar a cremação e o terreno do cemitério? É um absurdo. A natureza e/ou o Planeta, tudo é obra de Deus. Assim, todos os lugares são sagrados. Que mal há em jogar as cinzas numa floresta, numa cachoeira, no mar? Essas cinzas jamais irão ressuscitar, bem como os cadáveres que são sepultados. Com a morte, a vida continua. Ao se separar da carcaça atual, que envolve o espírito, este ressuscita de imediato, com um novo corpo que, juntamente com a alma, vai-se purificando e se aperfeiçoando, “ad infinitum”.

Mais uma lamentável declaração do Papa: “Quem não acreditar na ressurreição dos corpos não pode ter funerais religiosos.”. Que lástima! São Boaventura afirmava que “tudo o que existe é composto de matéria e forma (incluindo anjos e santos), com exceção de Deus, que é Forma Pura, totalmente Simples e Perfeito”. São Boaventura, apesar dos tenebrosos tempos medievais, não foi condenado a morrer, numa “esplendorosa fogueira”.

Nelson Antônio Bonassi
 nataliaramos80@gmail.com
 Autor é membro do MFPC

DESEMPREGO CRESCENTE

O ano de 2016 fechou com um índice alarmante de desemprego, 12%, o que corresponde a 13 milhões de pessoas a procura de trabalho. Além do desemprego em número, há que se considerar outros fatores relacionados ao desemprego.

O economista Sérgio Firpo, professor e pesquisador do Insper, lembra que há muitos critérios para medir o desemprego. Historicamente, o desemprego do IBGE foi inferior ao do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). “O que importa é que haja padronização”, diz Firpo. Nesse caso, o desemprego ampliado é um refinamento nas estatísticas que aperfeiçoa a análise do mercado de trabalho.

Um relatório do banco Credit Suisse sobre a macroeconomia brasileira traz uma informação preocupante: setores conside-

rados mais produtivos demitem mais do que os menos produtivos. Essa dinâmica puxa para baixo a produtividade do trabalho, que já está muito aquém do adequado no Brasil, e leva a uma mudança estrutural para pior. “Isso vai fazer com que Brasil cresça menos no médio e no longo prazos”, diz Leonardo Fonseca, economista do banco que coordenou o relatório.

Segundo Fonseca, a análise mais acurada das demissões deixa claro que setores de alta produtividade, como imobiliário, intermediação financeira e serviços de informação, foram mais ágeis em se ajustar à recessão e demitiram mais gente. A redução da atividade nos setores mais dinâmicos, ou mais produtivos, vai ter consequências futuras de difícil superação, principalmente no que diz respeito ao crescimento econômico.

Notas da Redação



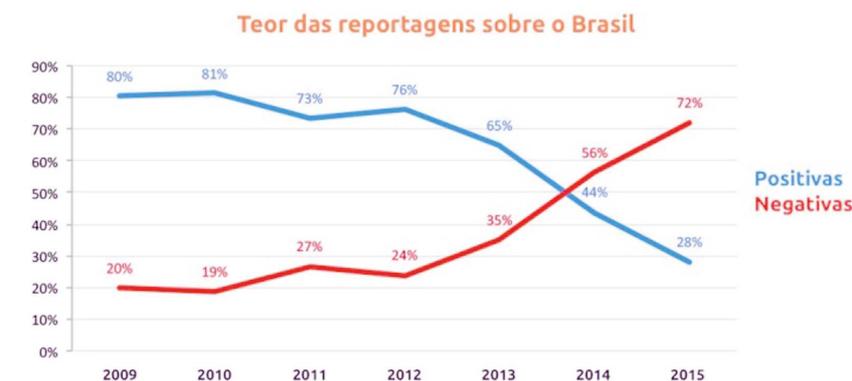
IMAGEM DO BRASIL NO MUNDO PASSOU DE 81% POSITIVA A 85% NEGATIVA

A imagem do Brasil na mídia estrangeira alternou do seu ponto mais positivo ao mais negativo em apenas sete anos, segundo um levantamento realizado desde 2009 pela agência de comunicação Imagem Corporativa (IC).

Depois de atingir o patamar de 81,1% de notícias de teor positivo nos principais veículos da imprensa internacional no fim da década passada, neste ano o Brasil aparece com enfoque negativo em 85,5% nas reportagens estrangeiras que citam o país.

O dado faz parte de um livreto da IC, divulgado neste mês, que faz um balanço sobre as oscilações do país e da sua imagem ao longo da última década. O trabalho é um resumo do que a agência costuma produzir na pesquisa “I See Brazil”, que busca medir as percepções externas em torno do país a partir do que se lê na mídia estrangeira e do que falam especialistas no assunto.

“Um levantamento da Imagem Corporativa que acompanha a imagem do Brasil no exterior desde 2009 mostrou que, naquele ano, 80% das reportagens publicadas sobre o país nos principais veículos da imprensa estrangeira eram positivas. Esse percentual passou para 81% no ano seguinte – ponto alto da exposição favorável da mídia estrangeira ao Brasil. A queda começaria em 2013, quando o percentual caiu para 65%. No ano seguinte houve a reversão: 56% das reportagens publicadas sobre o país eram negativas. Tal percentual crescerá para 72% em 2015 – invertendo completamente o quadro observado nos poucos anos atrás”, diz o trabalho. O levantamento mais recente, do primeiro semestre deste ano, mostra que 85,5% das reportagens sobre o Brasil eram negativas.



A oscilação da reputação internacional do país já havia sido abordada pela edição mais recente do livro “Brazil, um País do Presente – A Imagem Internacional do ‘País do Futuro’”, escrito pelo autor deste blog Brasilianismo, lançada no ano passado.

A partir de trabalho de reportagem e de estudos de nation branding, competitive identity e diplomacia pública, o livro mostra que a imagem do Brasil mudou de forma surpreendentemente rápida e radical ao longo da última década. Ali se vê que em 2010, a palavra “euforia” era a que melhor representava a forma como o mundo via o país em seu momento “bola da vez”. Hoje, tudo mudou, e a desconfiança tomou conta das interpretações estrangeiras sobre o país. Depois da euforia, veio a depressão.

Uma década de altos e baixos O livreto sobre a oscilação brasileira ao longo da década aponta como a economia e a política evoluíram e depois perderam o rumo. Fala sobre como o Brasil impulsionou sua imagem como parte dos ascendentes

BRICs e depois dos “cinco vulneráveis”. Trata ainda do quanto o governo Lula aproveitou a instabilidade na região para promover a imagem do país.

Mostra que, como seria natural, a imagem do país reflete o que acontece de fato dentro dele. E, se o Brasil passou por uma oscilação política econômica tão grande, isso acaba sendo sentido por sua reputação internacional.

“Em tão pouco tempo, o país iniciou uma trajetória ascendente, na qual assistiu à melhoria de seus indicadores econômicos e sociais, aumentou seu grau de protagonismo na arena mundial e sediou dois eventos esportivos internacionais. E também testemunhou a deterioração desses mesmos indicadores econômicos e sociais, ingressou em uma crise política sem precedentes nas últimas décadas e presenciou pela terceira vez em menos de 30 anos a posse de um vice-presidente no lugar do titular escolhido pelo voto.”

Após um panorama da história recente do país, o trabalho do IC apresenta sua pesquisa mais interessante e original – a res-

peito do protagonismo internacional do país.

“Assim como na economia e na política, a percepção externa em torno do Brasil também teve seus movimentos mais expressivos – positiva e negativamente – ao longo desses dez anos”, diz.

“Um importante ponto desse período foi o fato de o governo brasileiro ser visto no exterior – especialmente pelos EUA tanto de George W. Bush quanto de Barack Obama – como um contraponto ao bolivarianismo”, diz.

Mais uma vez, avaliação semelhante pode ser lida no livro “Brazil, um país do presente”, em que mostro como a imagem do Brasil conseguia melhorar a partir da comparação com outros países. Isso valia também em relação aos BRICs, já que, mesmo crescendo menos do que os outros, o Brasil era visto como menos corrupto e mais democrático do que a Rússia e a China, e menos pobre do que a Índia.

Segundo o livreto da IC, 2007 é o ano emblemático da alta da imagem do país: Ali, o país ganhou o direito de sediar a Copa do

Mundo e encontrou reservas de petróleo do pré-sal, abrindo caminho para, nos anos seguintes, se tornar “investment grade” e ser escolhido para sediar os Jogos Olímpicos. A crise financeira global, em 2008, impulsionaria ainda mais a imagem do Brasil, que sobreviveu sem grandes abalos enquanto as maiores economias do mundo tremiam. O Brasil “seria visto como um exemplo de resiliência em um momento desafiador”, diz.

A euforia internacional, que cresceu tão rapidamente, também não duraria muito tempo, entretanto. “Assim como se tornou consensual em pouco tempo, essa imagem positiva do Brasil foi rapidamente desconstruída”, diz.

Isso começou em 2013, segundo a IC, com os primeiros indicadores negativos da economia e o início dos protestos contra a política brasileira (incluindo governos locais e o federal). A desconstrução da imagem positiva começou quando grupos de direita, apoiados pela mídia, se mobilizaram para tirar o PT do poder, jogando a opinião pública contra o governo da presidente Dilma.

Com as crises geradas pelo movimento de afastamento da Presidenta Dilma, chegou a virada da imagem internacional do Brasil, que passou a ser majoritariamente negativa.

Apesar do mau momento atual e das crises, no país e em sua imagem internacional, o trabalho da IC alega que não há motivo para desespero. “O Brasil enfrentou crises muito mais severas em sua história recente, e certamente superará as dificuldades atuais – com o benefício das lições aprendidas nesses últimos dez anos”.

Daniel Buarque



REAÇÕES CONSERVADORAS NA IGREJA.



Na opinião do historiador Alberto Melloni, professor da Universidade de Modena-Reggio Emilia e diretor da Fundação de Ciências Religiosas João XXIII, em Bolonha, os cartazes contra o papa, que apareceram nos muros de Roma, provam a existência de um grupo feroz de oposição que usa e alimenta falhas profundas de ressentimentos na Igreja. Segundo Melloni, em seu artigo publicado no jornal La Republica, esse mundo dos blogs reacionários não expressa amor à tradição, mas um fetichismo cristão ultrapassado e antiquado, indócil ao Evangelho e que procura visibilidade.

Diante da acusação de ter “removido sacerdotes, decapitado a Ordem de Malta e os Franciscanos da Imaculada, ignorado cardeais”, o Papa Bergoglio, tem muito a comemorar em vez de se intimidar. Com a metade daquilo que o cardeal Müller, prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, disse e fez, Pio XI teria feito ele devolver o barrete cardinalício. Os Cavaleiros de Malta foram vítimas de um golpe interno, que o papa reverteu, restaurando a soberania anterior.

Não foi o conservadorismo, diz Melloni, mas uma série de práticas graves sobre

peças e sobre o dinheiro, que levou à tentativa de disciplinar a congregação Franciscana da Imaculada, em vez da sua dissolução. E os quatro cardeais idosos que enviaram um ultimato ao papa, como se fosse réu em um julgamento por heresia, não sofreram sequer um chamado à prudência. Francisco parece dar pouca importância a esses grupos de ultraconservadores, que não representam a opinião da sociedade, nem ameaçam ao seu pontificado.

Os cartazes ferozes espalhados em vários pontos de Roma, mostram mais do que uma reação conservadora. Atacam o pontífice de forma desrespeitosa naquilo que ele mais prega: a misericórdia. “Você é um ditador sorrateiro que fala de misericórdia, mas persegue aqueles que não concordam com você: da Ordem de Malta aos Franciscanos da Imaculada, aos sacerdotes incômodos para você... e você não tem sequer a coragem de responder àqueles cardeais que o colocam em discussão”. Francisco continua a sorrir, apesar de encontrar tanto azedume e isso é o que mais incomoda àqueles que querem fazer polêmicas para ganhar visibilidade.

Alberto Melloni

QUEIMADAS



As queimadas cresceram 58% entre 2008 e 2016, conforme levantamento feito a pedido do UOL pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). O indicador foi calculado a partir da base de dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

O órgão ambiental afirma que o desmatamento da vegetação nativa da reserva localizada entre o Mato Grosso e o Pará para criação de pasto e lavoura tem causado o “desequilíbrio de todo o sistema hidrológico” na região. Ou seja, o regime de chuvas foi alterado e, com isso, houve alteração nos padrões de pressão atmosférica.

Segundo o Ibama, a mudança causa “o declínio dos ventos carregados de umidade que vêm do oceano para o continente, causando, assim, o aumento da intensidade e do período de épocas de seca em várias regiões do país”.

O resultado direto da seca é o aumento de queimadas no Xingu. Traduzido pelo órgão em números: em 2008, o parque indígena registrou 93 incêndios florestais. O número saltou para 147 no ano passado. Em 2015, foram 185 ocorrências, contra 157 em 2014.

“O aumento na ocorrência de incêndios florestais parece ser proporcional ao aumento do desmatamento

no entorno do Parque Indígena do Xingu”, afirma o Ibama em nota ao UOL.

O impacto ambiental da devastação florestal e os efeitos da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no curso do rio Xingu, serviram de mote para a Imperatriz criar o enredo “Xingu, o clamor que vem da floresta”.

A escola vai cruzar a Marques de Sapucaí com as alas “fazendeiros e seus agrotóxicos”, “doenças e pragas” e “olhos da cobiça”. No samba-enredo, há o verso “O belo monstro rouba as terras dos seus filhos/devora as matas e seca os rios/tanta riqueza que a cobiça destruiu”.

Nivaldo Souza

PEREGRINAÇÃO À TERRA SANTA

Estamos programando uma viagem à Terra Santa, em julho do ano que vem, 2017, com os Franciscanos do Rio de Janeiro. Já fizemos essa viagem com eles em 2013. Vamos novamente, com o intuito de prestar ainda mais atenção às estupendas explicações sobre lugares e acontecimentos dos Evangelhos a eles associados.

Por que com os Franciscanos? Porque Frei Ivo Müller e Frei Ludovico Garmus estudaram lá, no Instituto Bíblico de Jerusalém, por 4 anos cada um, embora em tempos diferentes. Eles entendem de Terra Santa mais do que qualquer sacerdote que se aventure a fazer esse papel ou qualquer guia turístico-

co local. Serão 12 dias somente em Israel, no espírito de peregrino. Essa é realmente uma peregrinação, que é o que nos move nesse momento.

Frei Ivo fará o papel de guia em todos os momentos. As portas se abrem por onde passa. Não há guia melhor, nem haverá contratação de guia local. Além do mais, a hospedagem se dará em Hotéis do Comissariado da Terra Santa, em Jerusalém e em Tiberíades. Tudo isso contribui para amenizar um pouco os custos da viagem.

Frei Ivo é, hoje, Comissário (Embaixador) da Terra Santa no Brasil. Um frade especial, verdadeiramente franciscano.

Frei Ivo Müller



BISPO CHILENO DEFENDE QUE PADRES CASADOS «SÃO UMA VOZ DO NOSSO TEMPO QUE É PRECISO OUVIR»

«No dia 19 de agosto, por iniciativa de nosso bispo, tivemos uma reunião com os padres casados da diocese de Chillán – Chile. Éramos, ao todo, dez. Foi gratificante este encontro em que existiu um diálogo aberto e transparente, onde se falou sobre todas as nossas inquietações: o celibato opcional e a manutenção de um diálogo permanente. O nosso bispo, D. Carlos Peregrini, comprometeu-se a entregar pessoalmente ao Papa Francisco, na próxima visita ad limina, em fevereiro próximo, uma carta com as inquietações do nosso grupo:

“Os sacerdotes casados celebram a misericórdia”.

A Comunidade de Sacerdotes Casados, juntamente com as nossas respectivas esposas, da diocese de Chillán, Chile, após um encontro que aconteceu nos dias 1 e 2 de outubro de 2016, em San Fabián de Alico, quer partilhar convosco o seguinte:

Chamados pelo nosso Santo Padre o Papa Francisco, refletimos sobre o tema da misericórdia, a nossa realidade de padres casados e desejamos de evangelizar, como nos disse São Paulo na sua Primeira Carta aos Coríntios: «Ai de mim se eu não evangelizar»...

Considerando todas as reflexões feitas pelos participantes, podemos concluir o que na sequência detalhamos:

– Desejamos partilhar uma mútua misericórdia com os nossos bispos e irmãos sacerdotes, perdoando-nos com humildade pelos erros cometidos por uns e outros, pois o Pai Misericordioso nos convida a perdoar-nos e amar.

– Este perdão e encontro misericordioso, assim o desejamos e queremos, nos leve a um diálogo permanente sobre o tema do celibato.

– Esperamos que este diálogo seja misericordioso, generoso, responsável, autêntico, buscando a verdade e sem hipocrisias.

– Confiamos que o Espírito Santo nos ilumine, para que, com os responsáveis pela Igreja, com misericórdia e sem temores, se acabe com o celibato como uma obrigação e seja uma opção para o enriquecimento da amada Igreja”.

Reportagem: Rufo González, em Religião Digital, 18 de janeiro de 2017. Tradução: André Langer

O bispo de Chillán, D. Carlos Peregrini, compromete-se.

D. Carlos Peregrini está a cumprir o desejo do beato Papa Paulo VI expresso no n.º 95 da encíclica *Sacerdotialis Caelibatus* (24 de junho de 1967): «Temos a certeza, Veneráveis Irmãos... de que não perderei nunca de vista os sacerdotes que abandonaram a



casa de Deus, que é a sua própria casa, pois eles serão para sempre vossos filhos, seja qual for o desfecho da sua dolorosa aventura».

No dia 19 de agosto, por iniciativa sua, reuniu-se com os padres casados de Chillán – Chile. Ele percebeu que os bispos e presbíteros casados, muitos deles promotores de comunidades, são uma «voz do nosso tempo», que é preciso ouvir e valorizar «à luz da palavra divina» (GS 44). Eles são uma porção da Igreja muito significativa pelo seu papel e pela sua preparação. Não os ouvir e não dar solução evangélica à sua problemática é uma péssima notícia eclesial. Ou pior: uma injustiça clamorosa e contraproducente, escândalo que induz à «ruína» eclesial e «mola de ratoeira» para muitos. Por isso, D. Carlos Peregrini comprometeu-se a entregar pessoalmente ao Papa Francisco uma carta com as inquietações dos sacerdotes casados na próxima visita ad limina, em fevereiro próximo.

Este bispo reaviva a esperança

Eu não me desiludo com o Espírito que guia a Igreja no meio de tantas liberdades, mediatizadas por tantos preconceitos, experiências negativas, legalismos e fundamentalismos.

Eu não posso ignorar o comentário de um amigo (na quinta-feira, 23 de julho de 2015, 10h35).

Não sei quem é, pois se esconde numa palavra inglesa muito bonita: Heart (“coação”). Suponho que seja sacerdote pelo conhecimento inferido e pela experiência eclesial que demonstras:

«Cai na realidade, Rufo”. A hierarquia eclesial não está interessada nos padres (tanto aqueles que continuam no ativo como os secularizados). Utilizam-nos enquanto podem e, quando o indivíduo não pode mais ou é suficientemente inteligente para dar-se conta de que está em uma instituição sem mecanismos de controle e na qual reinam as “panelinhas” e as invejas, e toma a decisão de sair, é marginalizado, qualificado como traidor e sai com uma mão atrás e outra à frente. Essa é a verdade. Não os deixam nem dar aulas de religião, porque essas estão reservadas para os amiguinhos e os apadrinhados.

E aqueles que seguem no ativo dão-se claramente conta – acontece que, muitas vezes, não têm o valor nem a coragem suficientes para dar o passo. Há muitos padres que deixariam o hábito agora mesmo, mas perguntam: E o que eu vou fazer depois? Além de tudo isso, há muitos que tomam ansiolíticos e antidepressivos pelo resto da vida.

Tudo isso, os bispos sabem, e calam-se. Transformaram o ministério em pouco menos que uma prisão, não respeitam as inquietações nem intelectuais nem pastorais

dos padres. Pelo facto de ter tão poucos padres e tantas paróquias sem cobrir, prioriza-se as paróquias sem saber se as qualidades do indivíduo servem para um determinado destino. E depois, evidentemente, os padres queimam-se, porque, entre outras coisas, essa questão de que os padres são “pau para toda obra”, é uma falácia que os bispos inventaram para justificar o injustificável. Como podem justificar que um padre se encarregue de 17 paróquias?

[Os bispos] também sabem que muitos padres têm problemas psiquiátricos graves, muitos são alcoólicos e outros muitos homossexuais, mas não acontece nada, desde que mantenha a “barraquinha”. A configuração do ministério sacerdotal tem de ser revista do começo ao fim. “Ou isso ou lhe aguarda um futuro muito sombrio».

Eu estou completamente de acordo nisto: «A configuração do ministério sacerdotal tem de ser revista do começo ao fim».

Nem tudo é negativo. Há muitas coisas boas. Há muitos sacerdotes celibatários e casados que não deixam de “avivar o dom de Deus que receberam quando lhes impuseram as mãos” (2 Tim 1, 6).

Esperemos que o Espírito, com a permissão dos dirigentes eclesiais, abra o caminho para eliminar a lei do celibato obrigatório.

Rufo González

PE. ARTURO SOSA É ELEITO GERAL DA ORDEM DOS JESUÍTAS.

Eleito no dia 14 de outubro como geral da Ordem dos Jesuítas, o Pe. Arturo Sotatem a tarefa de guiar a ordem religiosa mais numerosa do mundo, que conta com 16.740 jesuítas, entre presbíteros, irmãos, escolásticos e noviços.

Os 215 jesuítas reunidos em Roma,

nos dias 2 de outubro a 12 de novembro para o 36º Capítulo Geral, escolheram a liderança desse jesuíta nascido na Venezuela, especialista em Ciências Políticas e Ciências Sociais e bom conhecedor da Companhia, tendo conduzido, nos últimos anos, as casas internacio-

nais de Roma. Da teologia da libertação à reforma litúrgica, passando pelo diaconato feminino e pelas críticas ao Papa Francisco, o Pe. Sosa é o primeiro geral da Ordem dos Jesuítas, que não nasceu na Europa.

Revista Jesus, janeiro de 2017





9 CONSELHOS DO PAPA AOS NOIVOS

1. Não se concentrem nos convites, vestido ou festa
2. Optem por uma celebração austera e simples
3. O mais importante é o sacramento e o consentimento
4. Deem valor e peso à promessa que farão
5. Recordem que estarão abertos à vida
6. O matrimônio não é de um dia, dura a vida inteira
7. Rezem antes de se casar
8. O casamento é uma ocasião para anunciar o Evangelho
9. Consagrem o matrimônio à Virgem Maria

VIDA - MORTE - RESSURREIÇÃO

Em suas andanças em qualquer lugar na face da terra, o ser humano, se se der ao trabalho de parar um pouco, e fizer uma reflexão científico/religiosa, por mais simples que seja, chegará, com certeza, à conclusão de que tudo, tudo mesmo, está atrelado ao tripé: nascer, morrer, renascer = vida, morte, ressurreição.

Na natureza, há milhões de anos, é assim: tudo, silenciosamente, perfaz seu ciclo de um modo tão perfeito e misterioso, que não pode ser obra do acaso, mas de uma inteligência superior que tudo preside e orienta. Observa-se, especialmente, no reino vegetal, um processo de aprimoramento, de doação, de irradiação de amor nunca vistos, e de forma pura pois nutrem, sustentam e curam os membros de outros reinos, exalam aromas harmonizados, buscam incessantemente a luz e expressam elevados padrões de beleza. É desse modo que a vida se desenvolve na terra através de um milagre contínuo. Os elementos são continuamente recriados a partir dos átomos que circulam nas cadeias biogeoquímicas. O nascimento e morte das espécies são etapas ônomas de ciclos que se sucedem e possibilitam novas estruturas. Nesse processo múltiplo e complexo, mas harmonioso, não é difícil enxergar o universo evoluindo, se renovando e respirando como um ser vivo.

A humanidade, quando se conscientizou de sua missão no plano do Criador, tentou “codificar” tudo com os instrumentos de que dispunha, e foi assim que, através dos séculos, a Bíblia foi sendo escrita. No Gênesis, no primeiro capítulo, alguém começa a narrar o processo da criação dizendo que “no princípio, Deus criou o céu e a terra”, porque é neles que a obra criada posteriormente vai ter existência e desenvolvimento. Primeiro aparecem a luz e a água, porque sem elas não existe vida, depois a terra, as plantas que a cobrem, em seguida os animais e, por fim, o homem. A este, o Senhor da vida incumbiu de tomar conta, zelar e proteger todo o conjunto da obra. Uma responsabilidade que não era pequena e nem fácil, razão esta, que, talvez, lhe valeu ser agraciado com algo que os outros seres vivos não possuem: a inteligência. Além disso, ganhou tudo, até roupas para cobrir sua nudez e foi colocado num “paraíso” que tinha delícias admiráveis. Tantas, que



1. O que diz o Antigo Testamento – B) A esperança da ressurreição

logo fizeram sua soberba crescer a tal ponto que passou a desobedecer seu Criador. Isso lhe valeu a expulsão daquele lugar de delícias, e recebeu um “castigo” por ter comido o fruto de uma árvore proibida, e agora, deveria trabalhar para ter seu alimento, e um dia, pela morte, voltaria ao pó da terra, de onde havia sido tirado. Terrível mistério que assusta e apavora todo mundo!

Este e muitos outros fatos aí narrados, não devem e nem podem ser interpretados ao pé da letra, pois a Bíblia não é um ou vários livros de história que narrem fatos acontecidos no tempo e no espaço. Os episódios da história bíblica dos primórdios, pretendem tão somente exemplificar o dado fundamental da “condição humana” constatada ontem, hoje e amanhã. Os autores da Bíblia não dispunham de nenhum dado científico, mas apenas de uma linguagem cheia de reminiscências míticas e de expressões etiológicas para os fenômenos humanos e naturais. Pelos gêneros literários usados, a Bíblia foi, e será um patrimônio admirável da cultura humana. O seu conteúdo foi, durante séculos, o vetor mestre de todo o arcabouço legal, moral e teológico que guiou os israelitas, e os cristãos. Más interpretações ocasionaram, no decorrer dos séculos, fatos lamentáveis de injustiça e arbitrariedades. Felizmente, hoje, com descobertas arqueológicas e, sobretudo, estudos exe-

géticos profundos, com o auxílio das ciências e da psicologia, trouxeram muita luz à história bíblica.

Assim mesmo, como entender a “sentença” na porta do paraíso? Voltando ao pó, até quando o homem aí dormirá? Há que se esperar o “toque de uma trombeta” para se acordar desse sono?

Essas e outras perguntas semelhantes são feitas, sobretudo, no Dia dos Finados, em que os mortos são lembrados com dor e saudade: “Onde você está agora, meu pai, minha mãe, meu amor, meu filho, meu amigo”? São as perguntas que quedam sem respostas!

Este o motivo que me levou a fazer essa reflexão, sobretudo sobre a RESSURREIÇÃO.

Além da revelação natural que qualquer espírito iluminado possui sobre esse mistério que envolve o ato de viver, morrer e renascer, a Bíblia que narra a saga do homem na terra, há milênios, nos dá dicas excelentes que, analisadas com boa vontade e sobretudo à luz da fé, nos tranquiliza para que possamos administrar a ideia de uma partida sem retorno.

No Livro do Êxodo (cap. 3,6), citado por Jesus, em Lucas 20,37, encontramos uma passagem de alcance fabuloso que nos situa no plano espiritual, sem a obrigatoriedade de religião. Respondendo aos saduceus, de sua época, que desacreditavam em ressurreição, Ele disse nada mais do que os olhos deles viam e seus corações

acreditavam. O Deus que criou e sustentou Abraão, Isaac e Jacó não era e não é Deus dos mortos, mas dos vivos, e todos vivem e devem viver para Ele.

Jesus teve que enfrentar, por diversas vezes seus interlocutores que o questionavam sobre morte, ressurreição, salvação, condenação, celibato, virgindade, céu, inferno, etc. As respostas por Ele dadas, dizem, e não poderia ser diferente, com a cultura da época. Durante séculos, por falta de aprofundamento desses temas, acreditou-se num significado literal. Posteriormente, com o desenvolvimento de novos seguimentos das ciências, como a filosofia, psicologia, e por último, a física quântica, muita coisa clareou, dando à teologia subsídios valiosos para interpretar os textos bíblicos mais adequadamente. No entanto, a cultura cristã, dentro do enfoque do Concílio de Nicéia, séc. IV, arraigada nas teses defendidas pelos teólogos da época, demorou muito para se libertar dos estereótipos mitológicos que herdou do paganismo.

Hoje, com a contribuição valiosa dada por C. G Jung, Joseph Campbell, Nietzsche, Alan Kardec e outros, a morte não traz mais a pecha de castigo por um suposto pecado de Adão e Eva. A expulsão do paraíso é puramente simbólica e representa uma fase de inconsciência da humanidade. O “retorno ao pó”, na concepção bíblica, nos

dá a compreensão exata de que, tendo uma dimensão espiritual – criados à imagem de Deus – mas de carne e osso – que, mais cedo ou mais tarde, como toda a matéria, na face da terra, vira pó, isso não será definitivo. Cremos, sim, na ressurreição dos mortos.

Um dos textos mais significativos, a meu ver, e que faz uma releitura da perenidade da morte, é o em que Jesus promete a “salvação” ao ladrão que com Ele tinha sido crucificado: “Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc. 23,43). Parece lógico que “estar hoje no paraíso” não precisa necessariamente ser com o atual corpo físico. Na própria promessa de Jesus está implícita a de que existe outro modo de se chegar ao Paraíso.

Vários relatos, nos Evangelhos, de ressurreições – a de Lázaro, da filha do oficial romano, do filho da viúva de Naim e outros – certamente, foram simples retornos à vida normal que viviam antes daquela aparente morte.

Chegamos assim, à ressurreição de Cristo, que baliza a que almejamos e que nos consola diante da certeza da morte. Ele disse: “Eu sou a ressurreição, mesmo morto, se acreditais em mim, viverá”. O Apóstolo Paulo, um dos pilares maiores da fé cristã, pela qual ele deu a própria vida, não se cansa de dizer que a ressurreição de Cristo é a razão de toda a nossa esperança na vida eterna. “Se Ele não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé.

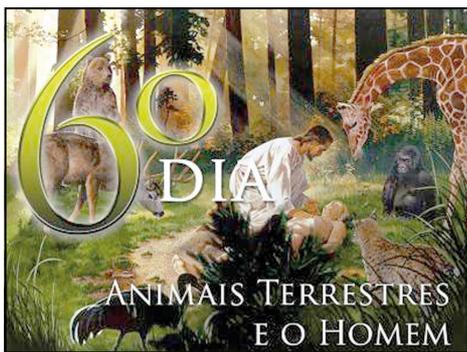
Não seja, contudo, nossa fé simplória ao ponto de pensarmos e acreditarmos que vamos ser “uma nova phenix”, ressurgindo das cinzas. É indispensável “repensar a ressurreição”, como sugere Andrés Torres Queiruga, brilhante teólogo da atualidade. Diante de uma sociedade desiludida e descrente dos valores espirituais, embora isso não seja tarefa fácil. Por ser a crença tradicional é o marco fundamental da fé cristã, isso, contudo, não nos isenta do desafio de enriquecê-la e aprofundá-la sempre mais, buscando numa nova exegese, interpretação e compreensão mais adequadas à mensagem evangélica. Afinal o universo vive uma contínua e permanente renovação, e o Espírito Supremo do Criador não teria reservado para seus filhos prediletos outro destino diferente que não fosse a RESSURREIÇÃO.

Bolo Horizonte, 03/11/2016
José Lino e Beatriz
Autor é membro do MFPC

O SEXTO DIA DA CRIAÇÃO

Quando fizemos catequese ouvimos falar da humanidade começando através de um casal: Adão e Eva. Depois, um pouco mais esclarecidos, muitas vezes nos perguntamos como seria possível, geneticamente falando, a procriação das gerações a partir da união incestuosa dos filhos daquela “protofamília”. Embutido num contexto maior, inegável, que é a criação divina, o aparecimento do homem sobre a terra tem criado perguntas, hipóteses e teses de muitos cientistas, antropólogos, teólogos, ateus, humanistas entre outros menos votados. Hoje, dentro de uma análise científica gestada dentro da própria Igreja, se pode identificar algumas correntes sobre a geração e continuidade da raça humana; ou melhor, das raças humanas. Despontam, então a evidência de duas correntes chamadas de monogenismo e poligenismo.

A teoria monogenista é aquela que aprendemos no catecismo, fruto de uma análise fundamentalista das Escrituras, em que as afirmações são levadas ao entendimento do pé da letra, sem o desconto da época em que foram escritas, das realidades humanas daquele tempo, dos meios literários e de imagens que possuíam os hagiógrafos.



Assim, por exemplo, temos o livro do Gênesis rico em antropomorfismos, ou seja, de criações literárias adaptadas às formas humanas que o escritor sagrado conhecia. A teoria monogenista, então, é aquela que nos mostra o gênero humano descendente de um só berço (criação divina) e um só casal (Adão e Eva).

O poligenismo nos apresenta o homem criado de um só berço (criação divina, criado por Deus), mas a partir de muitos casais. Por conseguinte, quando o autor sagrado diz que Deus criou adam (adam, em hebraico, significa homem de barro, substantivo, e não nome próprio), está dizendo, criou o homem, e não um homem, individualmente. Em Gn 1,27 verifica-se que “o substantivo:adam” não designa um indivíduo, mas a espécie humana criada por Deus e incumbida

de crescer, multiplicar-se, encher a terra e dominá-la.

O nome Eva igualmente não é próprio, mas significa, no hebraico, hawwa, “mãe de vivos” (Gn 3,20). Esta teoria poligenista, bem mais racional do que a outra, em nada contraria, desmerece ou põe em cheque a nossa fé. Tudo fica no terreno das teorias; não há critérios científicos bem definidos para dirimir estas dúvidas que, embora de curiosidade especulativa, não são essenciais.

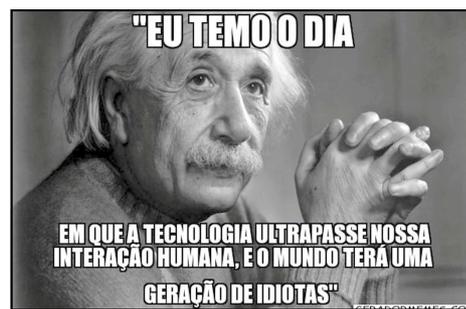
A Bíblia estabelece sua primeira cronologia com Abraão, entre 2000/1800 A.C. Estas teorias são desposadas pelos grandes bibliistas contemporâneos. É sempre bom que se estude as Escrituras pelo ângulo místico, pelo científico e pelo social. Todos se completam. E não há nenhum mal para a fé.

Autor ignoto (Redação)

SOCIEDADE DE IDIOTAS

O gênio Einstein, do alto de sua indiscutível cátedra disse certa feita, que no futuro, por causa do excesso de tecnologia teríamos uma sociedade de idiotas, onde as gerações dominariam técnicas duvidosas, mas seriam zero em humanismo, cultura e condições psicológicas para solucionar seus próprios conflitos.

Há dias, assistindo a tevê pude ver, em um comercial desses celulares que só faltam falar, e que vem ao mercado cada vez mais sofisticados, para tirar o dinheiro dos papalvos, uma família, os pais e os dois filhos usando os tais aparelhinhos que prometem “conexão com o mundo”, mas não conseguem reunir o grupo familiar dentro de uma casa. Na família do comercial, a mãe até que era mais ou menos, mas o resto do grupo – e acho que isto é estratégia do anunciante – todos tinham caras de besta, respondendo aos estímulos dos brinquedinhos com um ar imbecil de quem é dependente daquele sistema de tecnologia alienada e alienante. E fiquei pensando no velho mestre, autor da teoria da relatividade, que fez a assustadora profecia há mais de cinquenta anos.



O fato é que, aonde nós formos, vamos encontrar pessoas absortas nessas ridículas tarefas de ficar ali, punheteando seus aparelhinhos, que deveriam ser usados em coisas úteis, mas ficam limitados a meros instrumentos de brinquedo ou contatos entre cocotas e patricinhas. E não se diga que são só os adolescentes que se dedicam a esse improdutivo passatempo. Não! Tem muita gente taluda que se atrai em tais práticas, como homens adultos, de terno e gravata, vetustas madames e gente de quem não era de esperar um comportamento tão pueril. É para ver como a profecia se realiza atingindo todos os segmentos de uma sociedade que se desvirtuou aos poucos, se mostrando idiotizada ao extremo.

Agora, ontem ou anteontem, aconteceu uma ventania danada e eu falei à Carmen que era um tempo propício para se empinar

pandorga, que tem no vento seu veículo por excelência. Para quem não conhece, pandorga é o termo gaúcho para “papagaio” ou pipa”, que nada mais é que uma armação de bambu, sustentada por barbantes e guardada por um tipo de papel encerado. Como a minha geração na sua infância curtiu fazer subir uma pandorga num dia de vento...

Ao comentar com a esposa sobre o fato de não se ver mais pandorgas hoje em dia, embora haja bastante vento, ela disse, em sua sabedoria, que hoje a gurizada não tem mais tempo para esse tipo de brinquedo, mas como “anões intelectuais” se dedicam a uma duvidosa tecnologia, capaz de fazê-los pagar num futuro próximo o ônus de uma geração que não viveu as descobertas de uma adolescência sadia.

Antônio Mesquita Galvão
kerygma.amg@terra.com.br

BELO MONTE

Ele era um ancião. Seu povo, Araweté. Tinha o corpo vermelho de urucum. O cabelo num corte arredondado. E estava sentado ereto, as mãos abraçando o arco e as flechas à sua frente. Ficou assim por quase 12 horas. Não comeu. Não vergou.

Diante do velho índio, lideranças dos vários povos indígenas atingidos por Belo Monte se revezavam no microfone exigindo o cumprimento dos acordos pela Norte Energia, a empresa concessionária da hidrelétrica, e o fortalecimento da Funai. Ele, como outros, não entendia o português. Estava ali, sentado numa cadeira de plástico vermelho, no centro de convenções de Altamira, no Pará, por quase 12 horas. Não comeu. Não vergou.

O que ele via? Não sei o que ele via. Sei o que eu via. E o que vi me fez alcançar não uma dimensão dele, mas de mim. Ou de nós, “os brancos”. Sempre que escrevo sobre os meandros técnicos e jurídicos de Belo Monte, e agora também de Belo Sun, sei que perco algumas centenas de leitores por frase, por mais que simplifique o que é complexo. Mas o que resta para o velho Araweté sentado ali por quase 12 horas? Ele não tem escolha, já que é com estas palavras que sua existência é aniquilada.



A reunião do dia 26 de janeiro era uma resposta ao protesto dos indígenas no Ministério Público Federal em Altamira, seguida pela ocupação do escritório do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na cidade. Com a presença do novo presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Antônio Fernandes Toninho Costa, os indígenas exigiam o fortalecimento do órgão que deveria protegê-los e há anos vem sofrendo um desmonte promovido por setores e políticos ligados ao agronegócio, de olho nas ricas terras indígenas, e hoje tão

intimamente entrelaçados ao governo Temer. Por cerca de dois anos a Norte Energia deu uma espécie de mesada aos povos indígenas atingidos, 30 mil reais em mercadorias para cada aldeia todo mês. Era um instrumento de cooptação e corrupção dos caciques para minar a resistência à construção de Belo Monte.

Aldeias se dividiram. Indígenas deixaram de plantar roças para comer produtos industrializados. A desnutrição infantil disparou, assim como os casos de diarréia. Ao mesmo tempo, a Funai, que deveria protegê-los diante do monumen-

tal empreendimento no Xingu, rio sagrado para os povos indígenas, deixou de ter chefes de posto nas aldeias e foi convenientemente enfraquecida na região.

Hoje, a situação é ainda mais grave. O governo do Pará deu, em 2 de fevereiro, a licença de instalação de outro gigantesco projeto: a extração de ouro pela empresa canadense Belo Sun na Volta Grande do Xingu, bem ao lado de Belo Monte. A região, já extremamente impactada pela hidrelétrica, agora sofrerá um novo impacto, numa sobreposição cujas consequências não foram dimensionadas.

A Funai reiterou que o estudo que trata do licenciamento ambiental não atende a critérios básicos e não há nem sequer “dados primários” sobre as terras indígenas mais próximas do local de mineração. Mas a Funai foi ignorada. Para os povos indígenas, é uma espécie de renovação do fim do mundo. E para o País o que fica? A degradação ambiental. O ouro, como os demais minérios vão para o exterior. Este é apenas mais um crime de lesa pátria dos governos entreguistas e o grito dos povos indígenas morrem com a floresta e com a vida que ela abriga.

Eliane Brum



SACERDÓCIO DA MULHER

Assim como há um só pão há um só ventre (de Maria mãe de Jesus), que não está excluído do Sacerdócio e da Eucaristia. A mulher não é excluída nem da caridade e nem da Eucaristia, por não ser mencionada (1Cor 13:1); assim é subentendida nos textos bíblicos.

Na Eucaristia, o poder é estendido às mulheres pelos fatos verídicos de formarem um só Corpo Místico, a Igreja (1Cor 10:17), no amor de Cristo e no Seu mandato.

Assim, o Sacerdócio das mulheres está presente na Instituição da Eucaristia. Na Igreja, fundada por Jesus Cristo e não por Cefas no poder, São Pedro.

A Igreja não tem esse poder... qual poder? "... em virtude de confirmar os irmãos (Lc22:32), declaro

que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja". Vaticano, 22 de maio, Solenidade de Pentecostes, do ano de 1994.

A Igreja não tem esse poder se não quiser, porque já o recebeu!

Convido a Igreja ao diálogo deixando todo e qualquer esclarecimento concentrado em uma resposta breve, assim como breve foi o acima proposto.

Solicito ao Jornal Rumos da Associação dos padres casados ser o intermediário "por escrito", na próxima edição, e desde já agradeço a todos os beneficiados.

Paulo Barabaz

União da Vitória/PR

Autor é membro do MFPC



LUTERO, PROFETA DA BÍBLIA E DA CONSCIÊNCIA

O ano de 1517 não é apenas o ano em que foram afixadas as 95 teses nas portas da igreja do castelo de Wittenberg, mas também o ano em que o seu autor assina pela primeira vez como Martin Eleutherius, "Livro", em grego, simplificado, depois, para Martin Luther, com o qual o iniciador da Reforma passou para a história.

Martin Luder – esse era o sobrenome de família – nasceu no dia 10 de novembro de 1483, em Eisleben, na Turíngia, primogênito do pequeno empresário agrícola e da mineração Hans e de Margarethe Lindemann, filha de um expoente da burguesia.

Como a prática de sucessão previa que os bens de família passassem indivisíveis ao filho mais novo, o pai de Martin tinha pensado em lhe garantir um futuro e, ao mesmo tempo, em completar a ascensão social da família, dirigindo-o para o estudo do direito.

Desse modo, o jovem Martin poderia ganhar um lugar na nascente burocracia dos príncipes da Saxônia, que governavam a cidade de Mansfeld, para onde a família havia se mudado pouco depois do seu nascimento.

Em 1501, Martin se matriculou na Faculdade de Artes, preparatória para a de Jurisprudência, da Universidade de Erfurt, pequena, mas em rápida ascensão. Obtido o título de magister artium, justamente enquanto iniciava os estudos de direito, a vida do jovem estudante sofreu uma reviravolta repentina. Durante uma viagem, no dia 2 de julho de 1505, ele foi surpreendido por uma tempestade violenta; temendo pela própria vida, invocou a proteção de Santa Ana, então muito venerada na Alemanha, prometendo se tornar monge em troca da salvação. Depois de 15 dias, Martin entrou no convento dos agostinianos de Erfurt. O pai ficou chocado.

Repassando o episódio mais tarde, depois de deixar o convento e se casar, Martin reconheceria as boas razões do pai, mas afirmaria que a sua escolha se enquadrava no desígnio providencial, para que ele pudesse tocar com as mãos os limites da vida religiosa que, dali a pouco, ele contribuiria para revolucionar.

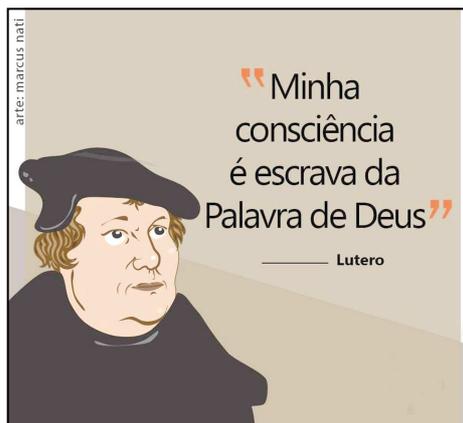
Para além do episódio, parece claro que a escolha do jovem estudante indica uma insatisfação de fundo com o futuro que o esperava, em que se refletiam inquietações mais gerais que percorriam todo o mundo cristão da época, que tinham dado origem a movimentos de reforma e de renovação da vida religiosa, que muitas vezes desembocaram na heresia. Era inevitável que essas tensões permanecessem vivas no jovem, que passou para o estudo da teologia na Universidade de Wittenberg, onde, em 1512, ele se tornou professor.

Enquanto isso, uma peregrinação (a pé) a Roma o fez constatar os limites e as contradições do papado renascentista, envolvido nas vicissitudes da política europeia e na transformação urbanística da cidade, mais do que na sua

função de guia espiritual da cristandade – ou, ao menos, assim parecia ser aos olhos do inquieto agostiniano.

Foi decisivo o curso sobre a Carta de São Paulo aos Romanos que o jovem professor proferiu a partir de 1515; graças às páginas do Apóstolo, ele se tornou consciente de que o homem não pode se salvar por força da observância das práticas religiosas prescritas pela Igreja, mas apenas pela gratuita ação de Deus e pela fé incondicional em Cristo. Foi inevitável, portanto, a sua oposição, que se expressou nas 95 teses, à campanha de pregação das indulgências que começou na Alemanha em 1517.

Pensadas como um convite para a discussão acadêmica, segundo uma prática comum na época, as teses obtiveram uma ressonância totalmente inesperada, que levou, no ano seguinte, à primeira de uma série de disputas públicas com outros teólogos e a uma convocação a Roma, à qual Lutero – agora ele já assinava assim – não se submeteu, podendo contar com a proteção do principal eleitor Frederico da Saxônia.



Entre 1517 e 1521, quando ele foi finalmente excomungado, Lutero consolidou as suas aquisições teológicas e a íntima consciência de que, no sólio papal, tinha se sentado o Anticristo, o instrumento humano do diabo para levar a humanidade à perdição. É o fim das suas esperanças de poder renovar a Igreja a partir de dentro. A ruptura definitiva se consumou na Dieta imperial de Worms, a reunião de todos os príncipes alemães, na presença do imperador Carlos V, eleito dois anos antes.

"A menos que eu seja convencido com a Escritura e com claros raciocínios (pois eu não aceito a autoridade de papas e concílios que se contradisseram uns aos outros), a minha consciência está vinculada à Palavra de Deus. Não posso e não quero me retratar de nada, porque não é justo nem salutar ir contra a consciência. Aqui estou. Não posso

fazer de outro modo. Que Deus me ajude", declara Lutero.

Bíblia e consciência individual são os instrumentos à disposição de todo cristão para ter acesso à salvação: a Igreja não pode mais reivindicar um papel que as corrompa.

No caminho de volta, Frederico da Saxônia encenou um sequestro falso para subtrair Lutero das consequências do edito de condenação que Carlos V emitiu de Worms. Tendo se retirado para o castelo de Wartburg sob um nome falso, em pouco mais de um ano, Lutero traduziu toda a Bíblia para o alemão, uma obra que vai além da dimensão religiosa e, de fato, criou a língua alemã moderna. A partir desse momento, os seus fatos pessoais passam para o segundo plano em relação à irrupção dos movimentos de Reforma na Alemanha, Suíça, França, Norte da Europa.

Ele participou ativamente deles até a morte ocorrida em 1546, graças a uma monumental atividade de escrita e de pregação; muito em breve, porém, outros se tornaram os líderes políticos e eclesiais de primeiro plano do mundo que, a partir de 1529, se chamaria de "protestante", com o qual Lutero muitas vezes se viu polemizando. As próprias Igrejas luteranas devem a sua sistematização definitiva, em termos teológicos e organizacionais, a Melâncton, fiel colaborador de Lutero desde os anos do ensino universitário.

O papel decisivo de Lutero na história, portanto, se consumou em um curto espaço de anos, a partir daquele 1517 do qual estamos prestes a celebrar o aniversário. De lá para cá, a imagem de Lutero mudou profundamente. Nos séculos das guerras religiosas e das lutas confessionais, prevalecia o iniciador da Reforma, o opositor do autoritarismo papal, o criador e defensor da identidade alemã – ou, ao contrário, o herege, o rebelde, o destruidor da unidade do mundo cristão.

Entre os séculos XIX e XX, foi se afirmando a ideia de Lutero e da Reforma como fatores de início do mundo moderno, especialmente graças a Max Weber e ao seu ensaio "A ética protestante e o espírito do capitalismo". Na realidade, a historiografia mais recente, exemplificada do melhor modo pela imponente biografia de Heinz Schilling, agora traduzida ao italiano pela editora Claudiana, reavalia o seu mais genuíno perfil de espírito autenticamente religioso, homem inquieto suspenso entre a Idade Média e o Renascimento, mas autêntico cristão que se confiou à Palavra e à Graça de Deus.

O cardeal Kasper também reconhece isso em um curto mas denso ensaio, publicado pela editora Querínia. Kasper foi por muito tempo responsável vaticano pelo diálogo ecumênico, muito próximo do bispo de Roma, que se prepara para celebrar em Lund, no dia 31 de outubro, o aniversário com os irmãos luteranos.

Marco Rizzi



“TENHO UMA VAGA SENSAÇÃO DE QUE VOU FICAR POUCO”

“Eu tenho a sensação de que o meu pontificado será breve, 4, 5 anos. É como uma sensação vaga... talvez não seja assim? mas tenho a sensação de que o Senhor me colocou aqui por pouco tempo. Mas é uma sensação, por isso sempre deixo as possibilidades em aberto”.

São confidências feitas pelo Papa Francisco em privado, recolhidas com o smartphone pelo padre Antonio Spadaro, o diretor de ‘Civiltà Cattolica’, que por ocasião dos 80 anos de Jorge Mario Bergoglio as montou em um vídeo que será transmitido amanhã pela Sky. Claro que com a permissão do próprio Pontífice.

“A mim acontece – acrescenta ainda o Pontífice falando de si próprio em privado

– que, quando experimento emoções, me fecho e a coisa cozinha em fogo lento, certo? E depois aparece. Eu me defendo muito das emoções porque... não sei... por pudor, pudor machista... não sei...”.

No vídeo, o Papa Francisco fala também das suas dificuldades com procedimentos e formalidades ligadas ao seu papel. “Quando chega um Chefe de Estado – explica – deve ser acolhido com a dignidade e o protocolo que merece. A verdade é que com o protocolo eu tenho um monte de problemas? Mas ele deve ser respeitado. Você sabe qual a diferença entre o terrorismo e o protocolo? É que com o terrorismo a gente pode negociar”.

“Em Buenos Aires – recorda Bergoglio

– eu estava sempre na rua. Mudar de roupa custa-me um pouco, mas depois a gente se habitua. A única coisa que eu gostaria de fazer é poder sair um dia sem que ninguém me reconheça e poder ir a uma pizzaria para comer uma pizza”.

Em conversa privada, o Papa também repete as suas acusações à ditadura do capital. “Cáimos num pecado de idolatria, idolatria do dinheiro. Devido a esta ânsia de ter mais, de querer mais, toda a economia se move descartando, curioso, não é? Há uma cultura do descarte. Descartam-se os idosos, não são necessários, não produzem, são uma classe passiva. Agora descartam-se os jovens, com o desemprego. Estou muito preocupado com o atual índice



de desemprego. E descartando os jovens e os idosos, descarta-se o futuro de um povo. Porque eles são o futuro de um povo”.

Antonio Spadaro
Civiltà Cattolica’

PAPA FALA A EMPRESÁRIOS

O Papa Francisco fez um pedido aos empresários mais poderosos do mundo para que trabalhassem em prol de um modelo econômico mais inclusivo e justo, não apenas para os pobres, mas com eles, personificando os mais necessitados.

“Rezo para que vocês reúnam esforços e deem voz àqueles que vocês procuram ajudar, ouçam suas histórias, aprendam com as suas experiências e compreendam as suas necessidades”, disse Francisco.

“Vejam neles irmãos e irmãs, filhos e filhas, mães e pais. Em meio aos desafios atuais, enxerguem a humanidade de quem vocês procuram ajudar”.

O Papa falou aos participantes do Fórum Social Fortune-Time, que ocorreu em Roma nos dias 2 e 3 de dezembro. A lista VIP de participantes, representando as organizações sem fins lucrativos e corporações, inclui Ginni Rometty, da IBM; Darren Walker, da Ford; Yang Yuanqing, da Lenovo; Richard Branson, do grupo Virgin; Cathy Engelbert, da Deloitte; Hugh Grant, da Monsanto e Fisk Johnson, da SC Johnson & Son.

Embora o fórum tenha sido em um hotel de Roma, Francisco recebeu o grupo no Palácio Apostólico do Vaticano no sábado pela manhã, onde agradeceu por promoverem a “centralidade e a dignidade da pessoa humana” dentro de suas instituições e de seus modelos econômicos, e por atentarem



“para a situação dos pobres e refugiados, tantas vezes esquecidos pela sociedade”.

Quando as vozes de tanta gente são ignoradas, disse o Papa, não somente os “direitos e valores dados a eles por Deus” são negados, como também “sua sabedoria é rejeitada, e seus talentos, tradições e culturas são impedidos de serem oferecidos ao mundo”.

Impedir os pobres e marginalizados de fazerem parte da solução causa-lhes ainda mais sofrimento, segundo o Papa, de forma

que os que podem ajudá-los ficam empobrecidos, “não só materialmente, mas moral e espiritualmente”.

Em seguida, Francisco disse que, em um mundo marcado por “tanta turbulência”, onde as desigualdades só aumentam, muitas comunidades são afetadas pela guerra, pela pobreza, pela migração e por deslocamentos. Contudo, “as pessoas querem ser ouvidas e querem expressar suas preocupações e angústias”.

Os marginalizados, argumentou o pontífice, “querem contribuir devidamente com suas comunidades locais e com a sociedade em geral, além de também usufruir dos recursos e do desenvolvimento que muitas vezes ficam reservados para alguns poucos afortunados”.

No entanto, de acordo com o Papa, o estado atual de “turbulência” também é um momento de esperança: “quando finalmente reconhecemos o mal, podemos providenciar a cura através do remédio certo. Sua presença aqui hoje é um sinal dessa esperança, pois demonstra um reconhecimento dos problemas que estamos enfrentando e da necessidade de agir de maneira decisiva.”

O Papa também disse que a conversão institucional e pessoal é necessária, promovendo “uma mudança de atitude”, priorizando a humanidade, as culturas, as crenças religiosas e as tradições.

Esta renovação, ele acrescentou, não implica apenas em mudar economias de mercado e melhorar infraestrutura.

“Estamos falando do bem comum da humanidade, do direito de todos de desfrutar dos recursos deste mundo e de oportunidades iguais para explorar o seu potencial, baseado, fundamentalmente, na dignidade dos filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança.”

Inés San Martín

FRANCISCO: 500 ANOS DE LUTERO

O 500º aniversário da Reforma Protestante que Martinho Lutero (1517-2017) “nos oferece a oportunidade de dar mais um passo adiante, olhando para o passado sem rancores” para “propor novamente aos homens e mulheres de nosso tempo a novidade radical de Jesus, a misericórdia sem limites de Deus: precisamente o que os Reformadores no seu tempo queriam estimular”, disse o Papa Francisco durante a audiência em que recebeu uma delegação da Igreja Evangélica da Alemanha (Evangelischen Kirche in Deutschland), citando o que afirmou Bento XVI em Erfurt em 2011 (a “questão sobre Deus” era a “paixão profunda, a mola da vida e de todo o caminho” de Lutero) e destacando que “o apelo dos Reformadores suscitou naquele momento ações que levaram a divisões entre cristãos” e que durante 500 anos as lutas

entre irmãos e irmãs na fé foram “alimentadas por interesses políticos e de poder”, ao passo que hoje, “graças a Deus, finalmente despojados – disse o Papa Francisco citando São Paulo – de tudo o que atrapalha, fraternalmente corremos resolutamente para o combate que nos é apresentado, fixando o nosso olhar em Jesus”.

“É significativo”, precisou Francisco na presença da delegação de 23 expoentes evangélicos alemães, guiada pelo bispo protestante Bedford-Stroh (um homem com o fogo no coração) e acompanhada pelo cardeal arcebispo de Munique, Reinhard Marx, “que, por ocasião dos 500 anos da Reforma Protestante, cristãos evangélicos e católicos comemorem juntos os eventos históricos do passado a fim de colocar Cristo novamente no centro de sua relação. Justamente ‘a questão sobre Deus’,

sobre ‘como poder ter um Deus misericordioso’ era ‘a paixão profunda, a mola da vida e de todo o caminho’ de Lutero”, disse Francisco citando o seu antecessor.

O que animava e inquietava os Reformadores, explicou, era, “no fundo, indicar o caminho para Cristo. Este é também o nosso dever hoje, após empreender, graças a Deus, a estrada comum. Este ano de comemoração nos oferece a oportunidade de dar mais um passo adiante, olhando para o passado sem rancores, mas segundo Cristo e em comunhão com Ele, a fim de propor novamente aos homens e mulheres de nosso tempo a novidade radical de Jesus, a misericórdia sem limites de Deus: era isso que os reformadores, em seu tempo, queriam estimular”. Recordando como o apelo dos Reformadores suscitou naquele momento ações que levaram a divisões entre

cristãos, Francisco deu graças a Deus porque hoje, “finalmente despojados de tudo o que atrapalha, fraternalmente corremos resolutamente ao combate que nos é apresentado, fixando o nosso olhar em Jesus”.

“Graças à comunhão espiritual fortalecida nestas décadas de caminho ecumênico”, continuou Francisco, “podemos, hoje, deplorar juntos o fracasso de ambos diante da unidade no contexto da Reforma e dos sucessivos acontecimentos. Ao mesmo tempo, na realidade do único Batismo que nos torna irmãos e irmãs e na comum escuta do Espírito, sabemos, em uma diversidade já reconciliada, apreciar os dons espirituais e teológicos que da Reforma recebemos”.

O Pontífice também recordou o gesto comum de penitência e reconciliação que deverá acontecer em breve.

Iacopo Scaramuzzi

AMÉRICA LATINA, O PODER DAS IGREJAS PENTECOSTAIS

Na América Latina hoje cerca de 20% da população é de religião evangélica, em comparação com 69% dos católicos. Em 1900, os protestantes eram cerca de 50.000: apenas 1% da América Latina, enquanto 94% eram católicos. Em 1930, eles tinham se tornado um milhão; eram 50 milhões nos anos 1980. E, no ano 2000, subiram para cerca de 100 milhões.

O Paraguai é o país com menos evangélicos (cerca de 8%); o Brasil, aquele onde a proporção é mais alta, e a influência conservadora das Igrejas pentecostais e neopentecostais é mais forte.

Percebe-se isso durante as campanhas eleitorais e nas escolhas políticas dos candidatos, na economia e na comunicação.

Uma investigação do *Jornal Le Monde Diplomatique* destacou os termos dessa poderosa força sociopolítica, que, em apenas 40 anos, passou de 5% para 22% dos fiéis. O coração do seu poder reside no Congresso. Toda quarta-feira, os deputados se



reúnem para orar em uma sala plenária do Congresso, entoando hinos e jaculatórias. Durante o impeachment de Dilma, eles animaram uma vergonhosa algazarra machista e reacionária, em nome de "Deus, pátria e família", votando a favor de um golpe contra o povo, que no governo do PT teve visível melhora nas condições de vida.

Com 123 milhões de fiéis, o Brasil continua sendo o primeiro país católico do mundo. Até 2030, estima-se que as duas religiões, porém, estarão no mesmo patamar.

Geraldine Colotti

CAÇA PREDATÓRIA MATOU MAIS DE 23 MILHÕES DE ANIMAIS

Um estudo revelou os danos provocados pela caçapredatória a animais na Amazônia para obter couro ou pele ao longo do século 20. De acordo com a pesquisa, publicada na revista *Science Advances*, entre 1904 e 1969, cerca de 23 milhões de mamíferos e répteis selvagens, de ao menos 20 espécies, foram abatidos por causa de suas peles. Os números apontam que as espécies aquáticas foram as mais impactadas ao longo dos anos.

A informação foi publicada pela Agência Ansa e reproduzida por *Eco Debate*, 14-10-2016.

Segundo os pesquisadores, há dois períodos mais críticos: o primeiro entre as décadas de 1930 e 1940, quando milhares de colonos chegaram à floresta para explorar a borracha; e o outro, nos anos 1960, por causa da indústria da moda.

De acordo com o estudo, mais de 80% dos habitats terrestres permaneceram imu-



nes à caça devido à sua inacessibilidade. No entanto, mais da metade dos habitats aquáticos ficou à mercê dos caçadores, o que fez com que animais aquáticos e semiaquáticos se tornassem os mais impactados pela exploração.

Durante quatro décadas, entre 1930 e 1970, a comercialização dos bichos explorados movimentou cerca de US\$ 500 milhões e esvaziou a maioria dos rios da região.

Agência Brasil - Eco Debate

MEDJUGORJE: PAPA FRANCISCO NOMEIA UM "ENVIADO ESPECIAL"

Papa Francisco nomeou um "enviado especial da Santa Sé" para o santuário de Medjugorje, na Bósnia e Herzegovina, em 11 de fevereiro de 2017. Este é Dom Henryk Hoser, Arcebispo de Varsóvia-Praga, na Polónia, cuja missão será pastoral. Esta segue as conclusões do inquérito solicitado pelo Vaticano sobre os fenômenos das aparições marianas alegados neste lugar.

A missão, que será "exclusivamente pastoral" vai durar vários meses.

Em 2010, o Papa Bento XVI criou uma Comissão Internacional de Inquérito, na Congregação para a Doutrina da Fé. A responsabilidade de decidir sobre as alegadas aparições que supostamente começaram em 1981 é passada da jurisdição do bispo local para a congregação romana. As conclusões da investigação foram recentemente entregues ao papa Francisco.

Peregrinações privadas a Medjugorje são permitidas, desde que elas não sejam



consideradas uma autenticação dos acontecimentos atuais e que ainda necessitam de revisão por parte da Igreja, disse uma carta da Congregação para a Doutrina da Fé – assinada por Dom Tarcisio Bertone, então secretário do dicastério – ao Bispo Gilbert Aubry (Saint-Denis, Reunião) de 26 de maio de 1998.

Zenit

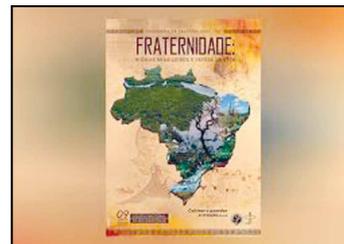
CNBB APRESENTA TEXTO-BASE DA CF 2017

O texto-base da Campanha da Fraternidade (CF) de 2017 alerta para o cuidado da Criação, de modo especial dos biomas brasileiros.

Segundo o bispo auxiliar de Brasília (DF) e secretário geral da CNBB, dom Leonardo Ulrich Steiner, a proposta é dar ênfase à diversidade de cada bioma e criar relações respeitadas com a vida e a cultura dos povos que neles habitam, especialmente à luz do Evangelho. Para ele, a depredação dos biomas é a manifestação da crise que vive o homem secularizado e ecológica e pede uma profunda conversão interior. "Ao meditarmos sobre os biomas e as pessoas que neles vivem sejamos conduzidos à vida nova", afirma.

Ainda de acordo com dom Leonardo, a Campanha deseja, antes de tudo, que o cristão seja um cultivador e guardador da obra criada. "Cultivar e guardar nasce da admiração! A beleza que toma o coração faz com que nos inclinemos com reverência diante da criação. Além de abordar a realidade dos biomas brasileiros e as pessoas que neles moram, a Campanha deseja despertar as famílias, comunidades e pessoas de boa vontade para o cuidado e o cultivo da Casa Comum, o Planeta Terra.

Dividido em quatro capítulos, a partir do método: ver, julgar e agir, o texto-base faz uma abordagem dos biomas exis-



tentes, suas características e contribuições. Também traz reflexões sobre os biomas e os povos originários, sob a perspectiva de São João Paulo II, Bento XVI e o papa Francisco. Ao final, são apresentados os objetivos permanentes da Campanha, os temas anteriores e os gestos concretos previstos durante a Campanha 2017.

Para colocar em evidência a beleza natural do país, identificando os seis biomas brasileiros, o Cartaz da CF 2017 mostra o mapa do Brasil, em imagens características de cada região. Compõem também o cenário, como personagens principais, os povos originários; os pescadores e o encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, acontecido há 299 anos. Além da riqueza dos biomas, o cartaz quer expressar o alerta para os perigos da devastação em curso, além de despertar a atenção de toda a população para a criação de Deus.

CNBB, 20-10-2016

A MORTE

A morte não é uma tragédia, nem castigo pelo pecado dos primeiros pais, nem um fim absoluto, mas uma porta, ou passagem.

Por ela a vida é glorificada, o projeto humano alcança o seu objetivo maior.

O corpo é o casulo que se desfaz. O espírito, como borboleta, alça voo e segue sua nova fase como desencarnado. Viver em Deus é o seu objetivo.

É preciso estar unido à Fonte da vida para que seu novo estado de ser se realize na luz e não nas sombras da morte, para onde desce seu corpo que é matéria.

Expressão máxima da passagem da vida e oportunidade de um recomeço ela é a chave de uma lei biológica inexorável: 'nada dura para sempre, tudo se transforma'.

A morte só é tragédia quando o fluxo da vida é interrompido pela brutalidade humana, ou por uma intempérie natural.

A passagem do semeador, que recolhe os frutos da seara, não pode ser tragédia, mas sinal de esperança de uma nova plantação.

Antônio Müller

Minhas Reflexões, p. 206

O autor é membro do MFPC

Humor Padre novo na cidade

Em uma cidade do interior todas as mulheres iam confessar para o Padre. Todas diziam que tinham escorregado (gíria da cidade para trair). O padre que sabia o significava dava seus conselhos e a absolvição. Passaram-se meses e a cidade mudou de Padre. Chegando lá o novo Padre ouviu várias mulheres se confessarem e dizerem as mesmas palavras de sempre "Padre eu escorreguei". O Padre, que não conhecia a gíria, então foi reclamar para o prefeito e chegando lá disse:

- Prefeito o senhor tem de tomar uma atitude. Muitas mulheres dessa cidade dizem ter escorregando esta semana.

O prefeito malandramente perguntou:

- Me diga, reverendo, quais mulheres confessaram ter escorregado?

O Padre então disse:

- Uma delas foi a sua esposa.

Disse que escorregou quatro vezes